

Luís Antonio Groppo

Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016:

Formação e auto-formação das/dos ocupas como sujeitos políticos

Alfenas-MG
Setembro de 2018

Luís Antonio Groppo

Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016:

Formação e auto-formação das/dos ocupas como sujeitos políticos

Projeto de pesquisa apresentado pelo Prof. Dr. Luís Antonio Groppo e equipe, da UNIFAL-MG (Universidade Federal de Alfenas), UFSCar (Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba), USP (Universidade de São Paulo), IFSP (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus São Paulo), UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), UFG (Universidade Federal de Goiás), UFPA (Universidade Federal do Pará), UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa), UTP (Universidades Tuiuti do Paraná), UFFS (Universidade da Fronteira Sul, campus Chapecó), UNISINOS (Universidade do Vale dos Sinos) e FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia) à Chamada Universal MCTIC/CNPq 2018, com o objetivo de pleitear condições para viabilizar a investigação.

Alfenas-MG
Setembro de 2018

Resumo

A pesquisa tem como tema os sujeitos que participaram das ocupações de escolas públicas de Ensino Médio, em diversos estados do Brasil, de novembro de 2015 a dezembro de 2016. Em relação a esses sujeitos, que se autodenominaram durante a ação coletiva como ocupas, a pesquisa tem como objetivo geral compreender os impactos da sua participação nas ocupações – tomada como um processo de formação política – na sua re-constituição como sujeitos políticos, considerando dois fatores principais: a) a estrutura e a dinâmica das ocupações; b) as relações de cooperação e conflito entre ocupas e autoridades, gestão escolar, corpo docente e sociedade local (incluindo a mídia local). A formação de sujeitos políticos será concebida a partir da noção de subjetivação política, que compreende a construção das/dos adolescentes e jovens como sujeitos políticos como um processo complexo, criativo, tenso, relacional e sempre inconcluso, em que as/os adolescentes e jovens também são ativas/ativos e em parte se autoconstroem, tanto quanto se co-constroem em suas relações com adultos. A pesquisa busca compreender a efetividade e a generalidade daquilo que foi indicado pelo Seminário: Memorial das ocupações estudantis (coordenado pelo proponente desta pesquisa), a saber, o profundo impacto subjetivo causado nas/nos ocupas pelo processo de ocupação e pós-ocupação de suas escolas, que influenciou no seu processo de (auto)formação como sujeitos políticos. Entre os objetivos secundários, conhecer o impacto desse processo na trajetória escolar das/dos ocupas, analisar o “mapa” das ocupações de escolas e IES (Instituição de Educação Superior) em 2015 e 2016 e caracterizar a estrutura e a dinâmica das ocupações secundaristas, incluindo suas relações com as ocupações de IES. A pesquisa justifica-se, entre outros motivos, por: a possibilidade de conhecer mais profundamente um processo social – um conjunto de ações coletivas – de grande abrangência, que envolveu quase todas as unidades federativas do país; a possibilidade de conhecer os impactos em médio prazo desse processo social – considerando também o “pós-desocupação” - nos sujeitos envolvidos diretamente nele, do ponto de vista da sua formação política e trajetória escolar. Como metodologia, a ênfase em dados qualitativos, mas considerando a diversidade de cenários das ocupações: revisão bibliográfica de trabalhos acadêmicos sobre o movimento das ocupações de 2015 e 2016; levantamento de dados já existentes, incluindo os da revisão bibliográfica e de entidades como a UNE (União Nacional dos Estudantes) e a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), para um mapeamento das ocupações estudantis de 2015 e 2016; levantamento de ocupas para entrevistas, a partir de rede de contatos acadêmicos e políticos da equipe de pesquisa, no Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Ceará, Goiás e Pará; realização das entrevistas, de caráter semiestruturado, com estudantes que participaram ativamente das ocupações de escolas de ensino médio, para conhecer o impacto do movimento e do pós-desocupação em sua formação como sujeitos políticos; construção de textos de divulgação e/ou documentários com resultados parciais da pesquisa, para serem debatidos com atuais estudantes de ensino médio e jovens que foram ocupas; análise dos conteúdos desses debates, que poderão ser incorporados aos resultados construídos pela revisão bibliográfica, pelo mapeamento das ocupações e pelas entrevistas. Entre os resultados esperados, destacam-se: a construção de conhecimentos inovadores a respeito das ações coletivas e movimentos sociais, já que a ênfase é sobre os resultados em médio prazo, que intentam mergulhar nas subjetividades de adolescentes e jovens, acompanhando seu processo de autoconstituição como sujeitos políticos; a devolutiva de resultados da pesquisa também como ações de extensão universitária, envolvendo outras formas de divulgação do conhecimento (textos de divulgação, documentários e Portal na Internet) e o diálogo com adolescentes e jovens que participaram ou não das ocupações. A consolidação de uma rede de pesquisa sobre ações coletivas juvenis poderá ser outro importante resultado deste trabalho coletivo de investigação, já que se envolveram 22 pesquisadoras/pesquisadores pertencentes a 13 diferentes IES, envolvendo 8 estados e 4 regiões do país. **Palavras-chave:** movimento estudantil, formação política, ocupações secundaristas, subjetivação política.

Sumário

1. Equipe de Pesquisa.....	5
2. Apresentação.....	7
3. Tema.....	11
4. Problematização.....	11
5. Objetivos.....	12
5.1 Objetivo geral.....	12
5.2 Objetivos Específicos.....	12
6. Revisão Bibliográfica.....	13
6.1 Ocupações estudantis de 2015 e 2016.....	13
6.2 Referencial Teórico.....	23
7. Metodologia.....	27
8. Relevância e impacto do projeto para o desenvolvimento científico.....	34
9. Atividades da equipe e Cronograma.....	36
10. Descrição da equipe de pesquisa e das suas atividades previstas.....	38
11. Plano de Trabalho para Bolsistas.....	49
12. Orçamento detalhado.....	51
12.1 Justificativas para as despesas solicitadas.....	54
13. Recursos da UNIFAL-MG e estimativa de Recursos Financeiros de outras fontes aportados ao projeto.....	58
14. Atividades desenvolvidas pelo proponente.....	58
Bibliografia.....	61

1. Equipe de Pesquisa

MINAS GERAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS (UNIFAL-MG)

Docentes

Prof. Dr. Luís Antonio Groppo (coordenador)
 Prof. Dr. André Sena Mariano
 Prof. Dr. Elias Evangelista Gomes
 Prof. Dr. Gleyton Carlos da Silva Trindade
 Prof. Dr. Natalino Neves da Silva

Mestranda em Educação

Mara Aline Oliveira

FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA (FAJE)

Docente

Profa. Ms. Vanessa Correia

SÃO PAULO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

Docente

Profa. Dra. Kimi Aparcida Tomikazi

Doutoranda em Educação

Ms. Flávia Ginzel

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO (IFSP),
 CAMPUS SÃO PAULO

Docente

Profa. Dra. Ana Paula Corti

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR), CAMPUS SOROCABA

Docente

Profa. Dra. Maria Carla Corrochano

Pós-Doutoranda em Educação

Doutora Jane Barros Almeida

RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ)

Docente

Profa. Dra. Adriana Alves Fernandes Costa

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO (UERJ)

Docente

Profa. Dra. Flávia Alves de Sousa

ESPÍRITO SANTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Docente

Profa. Dra. Lívia de Cássia Godoi Morais

GOIÁS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG) – OBSERVATÓRIO DAS JUVENTUDES
CONTEMPORÂNEAS

Docente

Prof. Dr. Flávio Munhoz Sofiati

PARÁ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Docente

Prof. Dr. Ronaldo Marcos de Lima Araújo

PARANÁ

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ (UTP)

Docente

Profa. Dra. Anita Helena Schelesener

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA (UEPG)

Docente

Profa. Dra. Simone Fátima Flach

Doutoranda

Mestre Aldimara Catarina Brito Delabona Boutin

RIO GRANDE DO SUL

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS UNISINOS

Docente

Prof. Dr. Rodrigo Manoel Dias da Silva

Mestre em Educação

Scarlett Giovana Borges

SANTA CATARINA

UNIVERSIDADE DA FRONTEIRA SUL (UFFS) – CHAPECÓ – OBSERVATÓRIO DAS
JUVENTUDES CATARINENSES

Docente

Prof. Dr. Willian Simões

2. Apresentação

A pesquisa nasceu da imersão do pesquisador e do Grupo de Estudos sobre a Juventude – por ele coordenado – nas ocupações estudantis ocorridas no Sul de Minas Gerais e, principalmente, das impressões profundas causadas pelos relatos de estudantes secundaristas em evento de comemoração desse ciclo de ações coletivas, o Seminário: Memorial das ocupações estudantis (em novembro de 2016). Ela dá continuidade à pesquisa atualmente desenvolvida, sobre a formação política ensejada pela participação nas organizações juvenis atuantes na universidade pública pesquisada - “A dimensão educativa das organizações juvenis: Estudo dos processos educativos não formais e da formação política no interior de organizações juvenis de uma universidade pública de Minas Gerais”.¹ Entretanto, agora, os sujeitos serão ex-estudantes de Ensino Médio que foram ocupas, como elas/eles se denominaram, em diversas partes do Brasil. Busca compreender a efetividade e a generalidade daquilo que foi indicado pelo Seminário, a saber, o profundo impacto subjetivo causado nas/nos ocupas pelo processo de ocupação e pós-ocupação de suas escolas, que promoveu e/ou dificultou sua formação e auto-formação como sujeitos políticos.

Outro importante fator que deu origem a este projeto, foi a formação de uma rede de pesquisadoras e pesquisadores em torno da criação da coletânea “O movimento das ocupações estudantis no Brasil”, publicada em 2018. (COSTA; GROppo, 2018). A ideia do livro foi de Adriana Alves Fernandes Costa, professora da UFRRJ, que me convidou a organizá-lo ao lado dela. Por meio de contatos pessoais e consultando artigos publicados sobre as ocupações estudantis, chegamos a diversos nomes, em IES de várias partes do país. O livro foi publicado com 10 capítulos, mais uma entrevista com Ana Júlia Ribeiro (secundarista que fez discurso na Assembleia Legislativa do Paraná em outubro de 2016, de grande impacto). Boa parte da equipe aqui reunida é oriunda das autoras e autores deste livro: além deste proponente e de Adriana Alves Fernandes Costa, Ana Paula de Oliveira Corti (IFSP), Anita Helena Schlesner (UTP), Jane Barros Almeida (UFSCar), Livia de Cássia Godoi Moraes (UFES), Maria Carla Corrochano (UFSCar) e Simone Fátima Flach (UEPG).

Outros nomes foram convidados a compor a presente equipe, incluindo outras referências importantes no campo da Sociologia da Juventude, como Kimi Tomizaki (USP) e Flávio Sofiati (UFG). Sofiati coordena o Observatório das Juventudes Contemporâneas, em Goiânia, ao lado de outros sujeitos interessantes do mundo acadêmico e da militância política, que poderão contribuir para a pesquisa em Goiás. Também o Observatório das Juventudes Catarinenses, coordenado por Willian Simões (UFFS), recentemente criado, aceitou compor nossa equipe. Interessante contato foi feito com a UNISINOS, por meio do professor Rodrigo Manoel Dias da Silva, que nos dará acesso às/aos ocupas do Rio Grande do Sul. Ronaldo Marcos de Lima Araújo, professor da UFPA, já contatado durante a organização da coletânea acima citada, aceitou compor a equipe, contribuindo com o acesso às/aos ocupas do Pará, permitindo incluir a Região Norte em nossa pesquisa. A região

¹ Pesquisa coordenada pelo proponente deste projeto e apoiada com Bolsa de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), bem como por Bolsas de Iniciação Científica pelo próprio CNPq e pela FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais). Essa pesquisa iniciou-se em março de 2016 e se encerrará em fevereiro de 2019. Seu principal objetivo tem sido analisar a formação social e política no interior de coletivos juvenis atuantes na universidade, por meio de processos educativos não formais e informais, enfatizando as práticas e os sentidos desta formação. Diversos têm sido os coletivos pesquisados: organizações políticas, entidades estudantis oficiais (como o Diretório Central Estudantil e Centros Acadêmicos), coletivos culturais e grupos religiosos.

Nordeste, mais especificamente o Ceará, poderá ser acessada com as contribuições e contatos de Flávia Alves de Sousa (UERJ). Importante instituição que pode apoiar logisticamente a pesquisa, dada sua extensa rede de contatos, é a FAJE, representada por Vanessa Correia (coordenadora de uma importante Especialização em Juventudes). Na UNIFAL-MG, outros pesquisadores da sociologia da juventude e da sociologia da educação aceitaram fazer parte da equipe, propondo-se a contribuir com diversas atividades investigativas e administrativas a se realizarem nessa IES.

Durante a pesquisa “A dimensão educativa das organizações juvenis”, uma excepcional ação coletiva aconteceu: a ocupação da universidade durante quase dois meses, em 2016, que transformou completamente o cenário das organizações juvenis políticas desta universidade e interferiu no cotidiano dos demais coletivos, fossem eles religiosos, culturais ou esportivos. As/os estudantes da universidade estabeleceram frutuosas relações (que depois definharam) com as/os secundaristas que ocuparam quatro escolas públicas de ensino médio no município sul mineiro pesquisado. Na verdade, a primeira ocupação no município foi iniciativa das/dos secundaristas. Assim como em outros estados do Brasil, as ocupações das escolas é que inspiraram as ocupações das IES (Instituições de Educação Superior) e, para além da motivação, as segundas usaram o modelo organizativo já adotado pelas ocupações secundaristas: assembleias decisórias e horizontais, divisão do trabalho em comissões, atividades de representação e comunicação com mídia e autoridades exercidas de modo rotativo (evitando a formação de lideranças) e preocupação com a paridade de gênero.

As ocupações tiveram um notável caráter formativo, tanto do ponto de vista da formação política – perceptíveis no modelo de organização, citado acima – quanto na proposição e exercício de uma outra condução das relações de ensino-aprendizagem: largamente autogestionária, contando com a colaboração de militantes e docentes que apoiaram o movimento (em um exercício de co-aprendizado entre gerações), combinando práticas inusuais na escola (oficinas, rodas de conversa, aulões [misto de assembleia e aula]) com práticas escolares tradicionais e, enfim, combinando a preparação ao ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio) com temáticas formativas mais amplas (por vezes efetivando conteúdos determinados por lei, mas pouco presentes no cotidiano escolar, como a história e cultura afro-brasileira, as relações de gênero e a sexualidade).

O Grupo de Estudos sobre a Juventude imergiu na ocupação da universidade. Promoveu ou participou de diversas atividades formativas, além de sistematizar observações em campo e entrevistas com estudantes da ocupação universitária, a partir do qual foi escrito um artigo que foi aceito pela revista e publicado no início de 2017. (GROPPO et al., 2017). Mais tarde, indignados pela tentativa de colocar nas sombras um movimento tão impactante na história da universidade, os membros do Grupo de Estudos sobre a Juventude promoveram evento de extensão que tinha a intenção de ser uma espécie de comemoração do primeiro aniversário da ocupação. Em novembro de 2017, durante três dias, aconteceu o Seminário: Memorial das ocupações estudantis. Entretanto, o que era para ser apenas uma festa, foi também tempo de luto. Nas mesas com as/os ocupas, mas também nas rodas de conversa, foram inúmeros os relatos de sofrimentos vividos durante o processo de ocupação e as angústias diante das tensões e conflitos com discentes, docentes e corpo gestor que se opunham ao movimento (durante a ocupação e no pós-ocupação).

O impacto subjetivo que a comissão organizadora do Seminário: Memorial das ocupações estudantis sentiu foi revelador da própria carga subjetiva, pessoal, íntima, que o movimento das ocupações teve sobre seus sujeitos adolescentes e jovens – como aliás, qualquer movimento social tem. Algo pouco tematizado, tanto pelas organizações políticas quanto pela própria academia, mas que apareceu como elemento central nos relatos de secundaristas e estudantes de IES neste Seminário, principalmente secundaristas.

A proposta desta pesquisa nasceu também do debate com importantes pesquisadoras e pesquisadores sobre a juventude no Brasil, durante o Colóquio “Conquistas e desafios da pesquisa sobre jovens no Brasil e América Latina”, realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em dezembro de 2017. Lá, debati sobre ideias que deram origem a esse projeto. Por exemplo, nas pesquisas mais recentes sobre sociologia da juventude no Brasil, como as do Observatório da Juventude da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), a figura-chave das pesquisas passou a ser um sujeito que era ausente nos estudos sobre a juventude nos anos 1960: a/o jovem das periferias. Durante anos recentes, essa nova figura-chave das pesquisas, a juventude das periferias, encontrava algum sentido para sua vida por meio das artes e cultura, encarando a família como apoio, mas o trabalho e a escola como opressivas – bem descrita por Juarez Dayrell (2003) em seu texto “O jovem como sujeito social”. Entretanto, com as alterações abruptas no cenário sociopolítico, marcadas pelo afastamento de Dilma Rousseff da presidência em 2016, diante de inúmeros e expressos recuos nas políticas públicas, bem como diante dos movimentos das ocupações estudantis, outra figura-chave se apresenta para nós: a/o secundarista ocupante de sua escola.

Mas a figura da/do secundarista não é uma simples retomada do universitário de classe média militante político, típico do movimento estudantil dos anos 1960. Ela vem das mesmas categorias sociais que a juventude investigada por Dayrell. Mas as/os ocupas não são apenas o outro lado da moeda, pois são também uma juventude relativamente transformada, tanto pela experiência da precariedade quanto pela ação coletiva. Na verdade, tal adolescente é sobretudo a adolescente, a secundarista. Elas foram a maioria das ocupas. Ela não é tipicamente das classes médias, muito menos milita em organizações estudantis ligadas a partidos políticos, é uma “independente”, com relação pragmática com organizações que lhes oferecem ajuda, capaz de transformar a própria natureza da organização política que tenta manipular a ocupação (como vimos no Sul de Minas), quanto de expulsar a organização da ocupação (como aconteceu tantas vezes com representantes da UNE [União Nacional dos Estudntes], da UBES [União Brasileira dos Estudantes Secundaristas], ou mesmo candidatos em eleições municipais em 2016). Ela é capaz de trazer temas que muitas organizações têm dificuldades de lidar, como a igualdade de gênero e a diversidade sexual, e uma dimensão que quase todos silenciam: a subjetividade.

O tema da subjetividade transbordou nas observações e nos relatos sobre as ocupações, ao longo da pesquisa “A dimensão educativa das organizações juvenis”, e, dado o teor etnográfico da investigação, se impôs como preocupação central da pesquisa, algo não imaginado inicialmente. Os artigos, trabalhos e a coletânea recém-lançada *O movimento das ocupações estudantis no Brasil* (COSTA; GROPPPO, 2018) não puderam ignorar esse tema. O próprio conceito de subjetivação política, operado por Rancière (1996) e Castro (2009, 2010), proposto como categoria de análise desde o projeto original da pesquisa “A dimensão educativa das organizações juvenis”, pôde dar conta de várias dimensões dessa preocupação adolescente e juvenil com a subjetividade.

Mas a pesquisa ainda não foi capaz de dar conta de todos os aspectos envolvido nessa temática, seja pela complexidade e profundidade do tema, seja porque tem nos limitado apenas a reproduzir, de modo pessimista, as angústias e sofrimentos vividos. Um olhar mais acurado, a partir de uma certa distância no tempo, pode ser interessante para compreender a constituição desses sujeitos políticos, de uma forma tão dolorosa e errática, quanto criativa e autogestionada.

Há de se tomar como ponto de partida, novamente sob a inspiração da Antropologia, o que as/os jovens da universidade têm se referido, quando falam da subjetividade ou dos “aspectos subjetivos”. A subjetividade é também uma categoria nativa às/aos jovens. Elas/eles tratam de três coisas relativamente diferentes, ainda que complementares quando falam dela: 1) a construção e reconstrução da identidade individual (individualidade); 2) os sentimentos e emoções vividos antes, durante e depois da participação na ação coletiva; 3) os processos mentais e físicos de desgaste e adoecimento promovidos pela ocupação e pós-ocupação.

Diante dessas experiências de pesquisa, de extensão, de ensino-aprendizagem e de imersão na ação coletiva, o proponente deste projeto, junto aos membros do Grupo de Estudos sobre a Juventude, definiu o tema e os objetivos deste projeto de pesquisa. Logo, a rede de pesquisadores formada pela criação da coletânea *O movimento das ocupações estudantis no Brasil*, além de outros importantes pesquisadores sobre juventude no Brasil, foram convidados a fazer parte da equipe da proposta agora apresentada.

Cabe finalizar essa apresentação, afirmando algo que as/os “secundas” pareciam saber desde logo: não se deve superestimar, nem idealizar a prática das ocupações de escolas e IES. Lá no final de 2015, circulava pelas redes sociais, durante o movimento contrário à “Reorganização” das escolas estaduais paulistas, a Cartilha “Como ocupar seu colégio”. (O MAL-EDUCADO, 2015). A Cartilha, que explicava o formato das ocupações criado pelos Pinguins chilenos e secundaristas da Argentina, adotado nas ocupações no Brasil, lembrava que a ocupação é uma “tática”, nunca uma estratégia ou fim em si mesmo para o movimento estudantil. Como tática, ela pode ser viável e muito adequada, de acordo com o contexto social e político e conforme as pautas propostas. Assim, novas expressões das subjetividades políticas construídas durante o movimento das ocupações, caso venham a irromper, não precisam adotar a mesma tática e, conforme o contexto político, nem podem, nem devem.

3. Tema

As/os ocupas, termo com o qual se autodenominaram os sujeitos que participaram das ocupações de escolas públicas de Ensino Médio, em diversos estados do Brasil, de novembro de 2015 – quando a primeira escola foi ocupada em Diadema/SP – a dezembro de 2016 – quando houve a desocupação das últimas escolas no Paraná e outros estados do país.

4. Problematização

- Quais foram os impactos da participação nas ocupações de escolas de ensino médio no Brasil, em 2015 e 2016, para a continuidade da formação, re-constituição ou mesmo da deformação das/dos ocupas como sujeitos políticos?
- O que o mapa das escolas ocupadas em 2015 e 2016 podem nos revelar? Quais regiões e unidades federativas tiveram mais ocupações? Em quais momentos houve mais ocupações? Quais são as relações entre a decretação de dadas políticas governamentais e o ciclo das ocupações? Como foi o processo de arrefecimento do movimento e a dinâmica das desocupações?
- Quem foram as/os estudantes que ocuparam as escolas? Eram estudantes sem participação prévia em organizações estudantis e/ou outras formas de ação coletiva? Como foram as relações entre estudantes independentes e militantes? Como são as suas famílias, do ponto de vista socioeconômico?
- Por que as/os ocupas ocuparam e por que permaneceram ocupando as escolas, mesmo diante de tantas adversidades? Que motivos levaram elas/eles a lutar com tanto vigor e, em vários casos, por tanto tempo, para manter a ocupação de suas escolas?
- Por que as mulheres foram a maioria das ocupantes? De que forma as ocupas praticaram, no cotidiano do movimento, um feminismo secundarista bastante efetivo?
- Onde estão esses sujeitos que foram ocupas? Completaram o ensino médio? Foram para a educação superior? Voltaram a participar de ações coletivas? Passaram ou continuaram a militar, ou se engajaram em outras formas de ativismo? Entraram em organizações? Têm ativa participação política, institucional ou em ações coletivas?
- Como as tensões e conflitos nas ocupações, bem como as perseguições e retaliações pós-ocupação, causadores de muitas angústias e sofrimentos, impactaram as/os ocupas? De que forma foram elementos negativos que desestimularam a prática política ativa e tiveram efeitos regressivos na constituição das/dos adolescentes como sujeitos políticos, considerando outros aspectos subjetivos que foram afetados?

5. Objetivos

5.1 Objetivo geral

Em relação a esses sujeitos, que se autodenominaram durante a ação coletiva como ocupas, a pesquisa tem como objetivo geral compreender os impactos da sua participação nas ocupações – tomada como um processo de formação e auto-formação política – na sua constituição como sujeitos políticos, considerando dois fatores principais: a) a estrutura e a dinâmica das ocupações; b) as relações de cooperação e conflito entre ocupas e autoridades, gestão escolar, corpo docente e sociedade local (incluindo a mídia local).

- A formação de sujeitos políticos será concebida a partir da noção de subjetivação política, formulada por Ranciére (1996) e Lúcia Rabello de Castro (2009, 2010), que compreende a construção das/dos adolescentes e jovens como sujeitos políticos como um processo complexo, criativo, tenso, relacional e sempre inconcluso, em que as/os adolescentes e jovens também são ativas/ativos e em parte se autoconstroem, tanto quanto se co-constroem em suas relações com adultos.

5.2 Objetivos Específicos

- 1) Mapeamento das ocupações de escolas e IES no Brasil, em 2015 e 2016;
- 2) Sistematização sobre a estrutura e a dinâmica das ocupações secundaristas, incluindo suas relações com as ocupações de IES;
- 3) Delinear perfis das/dos estudantes que participaram das ocupações secundaristas, bem como das suas formas de participação. Revisão bibliográfica e relatos para a pesquisa “A dimensão educativa das organizações juvenis” indicam predomínio de “independentes” - estudantes que não militam em organizações estudantis. Os dados destacam a importância das mulheres, tanto por serem a maioria das ocupantes, quanto pela qualidade de sua participação, trazendo para o dia a dia do movimento a práxis de um feminismo secundarista, materializado em comissões paritárias, reuniões auto-organizadas (em que as mulheres debatem sobre seus problemas específicos) e a grande preocupação em evitar práticas machistas;
- 4) Conhecer sobre as relações entre as ocupações secundaristas e as ocupações de IES, bem como entre os sujeitos estudantes de ambos os tipos de ocupação, em locais e situações em que houve as duas formas de ocupação, mas considerando desde já que o movimento das/dos secundas teve especificidades e grande autonomia em relação às ocupações de universidades;
- 5) Compreender os impactos positivos e negativos da ocupação e do pós-desocupação, a partir dos relatos das/os ocupas, considerando, por um lado, como narram as experiências políticas e educacionais de autogestão, auto-formação e co-aprendizado, e, por outro, as tensões, conflitos, ameaças, perseguições, retaliações e processos de negação do movimento. Conforme relatos colhidos na pesquisa “A dimensão educativa das organizações juvenis”, para as/os ocupas, as ocupações foram lugares onde puderam ser ouvidas/ouvidos, assim como puderam praticar no dia a dia outra forma de educação e outra maneira de gerir a escola. Isso não foi necessariamente compreendido por todas/todos estudantes, muito menos pela gestão, por docentes, por responsáveis e pela sociedade local, causando tensões e conflitos, uma das fontes de angústias e sofrimentos em todo o processo de ocupação e pós-desocupação;

6) Saber se há reconhecimento das/dos ocupas a respeito da importância das ocupações para a sociedade e para a sua própria formação política;

7) Conhecer o impacto da participação na ocupação na trajetória escolar das/dos ocupas e na sua possível inserção no mundo do trabalho. Relatos no Seminário: Memorial das ocupações estudantis e alguns trabalhos (como Borges [2018]), trazem dados preocupantes sobre a evasão de diversas/diversos “ocupas”;

8) Conhecer as opiniões das/dos ocupas a respeito de temas políticos, sociais e educacionais que foram tematizados durante as ocupações, como: participação política, democracia, cidadania, desigualdade social, relações étnico-raciais, relações de gênero, sexualidade, diversidade sexual, função da educação básica, função da educação superior, organização da escola, relações de ensino-aprendizagem, relações docentes-discentes, entre outros;

9) Conhecer a participação das/dos ocupas em organizações políticas, sociais e/ou religiosas após as ocupações (organizações estudantis, partidos, sindicatos, governos, organizações não governamentais, instituições filantrópicas, filiação a igrejas etc.) e ações coletivas, bem como as suas formas de participação (militância, ativismo, liderança etc.);

6. Revisão Bibliográfica

6.1 Ocupações estudantis de 2015 e 2016

Ao longo da pesquisa “A dimensão educativa das organizações juvenis”, foram recolhidos diversos materiais sobre o movimento das ocupações estudantis no Brasil em 2015 e 2016. Esses materiais foram de grande importância para artigo, trabalho em evento e capítulos de livros produzidos por mim e pelo Grupo de Estudos sobre a Juventude. Parte deles são matérias da imprensa, vinculadas à grande mídia ou à mídia alternativa, bem como de associações como a ANPEd (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação).

Com o passar do tempo, acumulou-se um razoável número de publicações propriamente acadêmicas, na forma de artigos, trabalhos em eventos, livros e dissertações de mestrado. A dissertação de mestrado de Borges (2018) também buscou fazer uma Revisão Bibliográfica sobre as ocupações, mas de maneira menos específica que a desse projeto, considerando textos sobre as ocupações no Chile e Argentina e temáticas correlatas. A pesquisa bibliográfica para o presente projeto limitou-se a títulos que tratavam das ocupações de escolas e IES por estudantes no Brasil, em 2015 e 2016, selecionados em periódicos acadêmicos, dissertações de mestrado, teses de doutorado, comunicações na 38ª Reunião Nacional da ANPEd e capítulos de livros acadêmicos.² Títulos oriundos de textos publicados anteriormente em formato diferente foram excluídos (como capítulo de livro outrora publicados como artigo). Foram selecionados 41 títulos, distribuídos por tipo de publicações conforme Tabela 1.

² Felizmente, ainda estão sendo produzidos novos artigos e dossiês sobre o tema, incluindo o que foi lançado quando este projeto já estava praticamente pronto, que não pode ser considerado: MERLOTTI; OLIVEIRA, 2016. Apesar de levar a data de 2016, só foi publicado em junho de 2018.

Tabela 1: Distribuição dos textos sobre ocupações estudantis no Brasil (2015-2016) por tipo de publicação.

Tipo	Títulos	n.
Artigos	<p><i>I - Dossiê (Des)ocupar é resistir?</i> (ETD – Educação Temática Digital, v. 19, n. 1 e n. esp., 2017): ALVIM; RODRIGUES, 2017; ASSIS, 2017; CORSINO, 2017; COSTA; SANTOS, 2017; COUTINHO; ANDRADE, 2017; FLACH, SCHLESENER, 2017; GOULART; PINTO; CAMARGO, 2017; GROppo et al., 2017; LARCHERT, 2017; LEITE, 2017; PAES; PIPANO, 2017; RATTO; GRUSPAN; HADLER, 2017; SILVA, MELO, 2017.</p> <p><i>II – Dossiê Políticas Educacionais e a Resistência Estudantil</i> (Educação & Sociedade, v. 37, n. 137, 2016): CATANI; MELLO, 2016; CORTI; CORROCHANO; SILVA, 2016; MORAES; XIMENES, 2016.</p> <p><i>III – Revista Crítica Educativa</i>: MARTINS et al. 2016; PIOLLI; PEREIRA; MESKO, 2016.</p> <p><i>IV – Outros periódicos</i>: CARNEIRO, 2017; LEITE; ARAÚJO, 2018; RABIN; BACICH, 2018; REIS, 2017; RODRIGUES; RIBEIRO, 2017; ROJAS; MOCARZEL; RANGEL, 2017; SILVA; SILVA, 201;</p>	26
Trabalhos na 38ª Reunião Nacional da ANPEd	FERREIRA, C., 2017; FERREIRA, S., 2017a; OLIVEIRA; COSTA; GOMES, 2017; WESHMULLER; SIQUEIRA, 2017.	4
Dissertações de mestrado	BORGES, 2018; FERREIRA, S., 2017b.	2
Capítulos de livro	<p><i>I – Coletânea “O movimento das ocupações estudantis no Brasil”</i>: ALMEIDA; MARTINS, 2018; COSTA; GOMES; OLIVEIRA, 2018; GROppo, 2018a; GROppo, 2018b; RIBEIRO, 2018; SCHLESNER; FLACH, 2018; STOCCO; MORAES, 2018; XIMENES et al., 2018.</p> <p><i>II – Coletânea “Os sintomas da educação de hoje”</i>: ANDRADE; COUTINHO, 2017.</p>	9
Total		41

Sobre a Tabela 1, percebe-se a concentração de títulos (14) no Dossiê “(Des)ocupar é resistir?”, da Revista ETD – Educação Temática Digital, publicado pela Universidade Estadual de Campinas, que publicou o n. 1 e um número especial do vol. 19 com artigos desse dossiê.³ Em segundo lugar, a Coletânea recém-publicada, “O movimento das ocupações estudantis no Brasil”, que organizei com Adriana Costa, teve 8 capítulos selecionados. O Dossiê “Políticas Educacionais e a Resistência Estudantil”, da Revista Educação & Sociedade, foi a primeira publicação acadêmica de caráter coletivo realizada, abordando o que chamo de primeira onda das ocupações estudantis – ela teve 4 títulos selecionados, incluindo sua apresentação⁴. Dos quatro trabalhos apresentados na 38ª Reunião Nacional da ANPEd, em São Luís/MA, em 2017, três o foram no GT 3 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos (FERREIRA, S., 2017a; OLIVEIRA; COSTA; GOMES, 2017; WESHMULLER; SIQUEIRA, 2017) e apenas um no GT 14 – Sociologia da Educação (FERREIRA, C., 2017). Nenhuma tese de doutorado foi encontrada abordando o tema, e as duas

3 Nem todos os artigos do dossiê foram incluídos nessa Revisão, pois alguns não tratavam diretamente das ocupações estudantis no Brasil em 2015 e 2016.

4 Assim como o dossiê da ETD, alguns dos trabalhos deste dossiê também não tratavam diretamente das ocupações, não sendo considerados.

dissertações de Mestrado foram defendidas em universidades do Rio Grande do Sul, ambas em Educação.

Em relação ao ano de publicação, destaca-se o ano de 2017, conforme tabela 2.

Tabela 2: Distribuição dos textos sobre ocupações estudantis no Brasil (2015-2016) por ano de publicação

Ano	n.	%
2016	5	12
2017	25	60,9
2018	11	26,8
Totais	41	100

O ano de 2017 teve um grande número de publicações acadêmicas, em parte muito relevante, graças à motivação de parte da academia – em especial, no campo da Educação – de compreender o fenômeno das ocupações estudantis. Na verdade, o próprio mundo acadêmico na Educação esteve bastante impactado pelas ocupações, surpreendido pelo evento, sua força e poder de contágio, o que se refletiu na proposição de dois dossiês por periódicos classificados como A1 no Qualis da Área da Educação. Parte muito relevante dos artigos publicados são de docentes de universidades públicas, que pesquisavam temas diversos no campo da Educação, não necessariamente sobre movimentos sociais, muito menos movimentos estudantis. Mas também há estudantes de mestrado e doutorado que fizeram reflexões, as quais não necessariamente são tema central de suas pesquisas para a dissertação ou tese.

Em trabalho apresentado na 38ª Reunião Nacional da ANPED (GROPPO, 2017), que deu origem a dois capítulos de livro (GROPPO, 2018a, 2018b), defendo que se tratou de um movimento social, ou um conjunto de ações coletivas, que teve duas “ondas”:

De forma didática, pode ser interessante separar o movimento das ocupações em duas ondas. A primeira, mais longa, vai de dezembro de 2015 a julho de 2016. Caracteriza-se por ações de caráter estadual, cada qual com seu próprio ciclo, em oposição às políticas educacionais de seus governos estaduais. Foi restrita a alguns estados – São Paulo, Goiás, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Ceará –, e as ocupações, com poucas exceções, se deram apenas em escolas públicas estaduais de Ensino Médio. A segunda onda de ocupações, mais curta, se deu entre outubro e dezembro de 2016. Começou no Paraná, onde houve o maior número de ocupações dessa onda, e teve diversas características semelhantes às da anterior. Mas a motivação principal se referia, agora, a uma política de caráter nacional: a Medida Provisória n. 74 (MP 74), que reforma o Ensino Médio. E o contexto era diferente: já consolidado o golpe institucional que resultou no impeachment de Dilma Rousseff, vivia-se plenamente o novo tempo de brutais ataques aos direitos sociais que marca o governo Michel Temer. O envio da Proposta de Emenda Constitucional n. 142 (PEC 142), depois PEC 55, levou a segunda onda a envolver a ocupação de Institutos Técnicos e universidades públicas, bem como algumas greves de técnicos e professores da Educação Superior federal. Mais intensa, envolveu 22 Estados, além do Distrito Federal, abarcando todas as regiões do país. (GROPPO, 2018a, p. 91).

Distribui os 41 títulos nesses dois ciclos ou “ondas” do movimento das ocupações estudantis no Brasil, e dentro de cada onda, dividi os trabalhos por estados que foram pesquisados, para criar a Tabela 3. Nenhum trabalho tratou das ocupações no Distrito Federal.

Tabela 3: Distribuição dos textos sobre ocupações estudantis no Brasil (2015-2016) por Unidade da Federação de publicação

Onda	Estado	Título	n.	%
1ª onda	São Paulo	CARNEIRO, 2017; CATINI; MELO, 2016; CROSINI; ZAN, 2017; CORTI; CORROCHANO; SILVA, 2016; GOULART; PINTO; CAMARGO, 2017; MARTINS et al., 2016; PAES; PIPANO, 2017; PIOLLI; PEREIRA; MESKO, 2016; RODRIGUES; RIBEIRO, 2017.	9	21,95
	Rio de Janeiro	ANDRADE; COUTINHO, 2017; LEITE, 2017; LEITE; ARAÚJO, 2018; ROJAS; MOCARZEL; RANGEL, 2017; SILVA; MELO, 2017; SILVA; SILVA, 2017; WEIHMULLER; SIQUEIRA, 2017.	7	17,07
	Rio Grande do Sul	COSTA; SANTOS, 2017; FERREIRA, S., 2017a, 2017b; SEVERO; SEGUNDO, 2017; SILVA, 2018; RATTO; GRESPAN; HADLER, 2017.	6	14,63
	Ceará	XIMENES et al., 2018.	1	2,44
	Sem local específico	MORAES; XIMENES, 2016.	1	2,44
<i>Total parcial</i>			24	58,54
2ª onda	Paraná	ALMEIDA; MARTINS, 2018; FLACH; SCHLESNER, 2017; SCHLESNER; FLACH, 2018; RIBEIRO, 2018.	4	9,76
	Minas Gerais	GROPPO et al. 2017; GROppo, 2018b.	2	7,32
	Santa Catarina	FERREIRA, C., 2017; REIS, 2017.	2	4,88
	Rio de Janeiro	COSTA; GOMES; OLIVEIRA, 2018; OLIVEIRA; COSTA; GOMES, 2017.	2	4,88
	Espírito Santo	STOCCO; MORAES, 2018	1	2,44
	Sem local específico	LARCHERT, 2017.	1	2,44
<i>Total parcial</i>			12	29,27
	Sem local e onda específica	ALVIM; RODRIGUES, 2017; ASPIS, 2017; COUTINHO; ANDRADE, 2017; GROppo, 2018a; RABIN; BACICA, 2018;	5	12,2
Totais			41	100

Os dados da Tabela 3 demonstram o predomínio do Sudeste como *locus* de estudo, com 19 trabalhos, 16 deles inseridos na 1ª onda do movimento das ocupações. Em segundo lugar, da região Sul, com 12 títulos – metade em cada onda. Reflete-se tanto a importância de movimentos em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, na 1ª onda, e do Paraná, na 2ª onda, quanto o fato de que é nessas regiões e nesses estados que se concentra a produção acadêmica e as instituições de educação superior em nosso país.

A 1ª onda também é a mais estudada, com quase 60% dos títulos. Por um lado, reflete o fato de ter sido uma onda mais longa, que foi paulatinamente atingindo diversos estados do país, incluindo aqueles onde se concentram as instituições de pesquisa em Educação. Mas há ausência de trabalhos específicos sobre Goiás, segundo estado a observar ocupações, e apenas um sobre o Ceará – que foi estimulado pela equipe que organizou a coletânea *Movimento de ocupações estudantis no Brasil*. O predomínio da 1ª onda nos trabalhos também reflete o fato de abarcar ocupações mais bem-sucedidas, com vitórias importantes em São Paulo e Goiás, relativas no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Há um interesse da academia pela 1ª onda que mistura a motivação de conhecer algo novo e inesperado com o de conhecer um movimento vitorioso.

A 2ª onda foi mais concentrada no tempo, mas, apesar de certa centralidade do Paraná – em que praticamente todas as instituições públicas de ensino médio e IES públicas foram ocupadas – ela foi mais ampla, teve caráter nacional, com ocupações em 23 unidades da federação. Ainda assim, ela foi menos pesquisada, com pouco menos de 30% dos trabalhos. Mesmo o Paraná, tão importante nesta segunda onda, teve um número de trabalhos que não reflete o tamanho de sua participação – com 4 trabalhos, incluindo a entrevista com Ana Júlia Ribeiro, que, quando secundarista, fez um discurso marcante na Assembleia Legislativa do Paraná (RIBEIRO, 2018).

5 trabalhos, ou 12%, não focam um local ou mesmo uma das ondas específicas do movimento das ocupações. São esforços de síntese, ou de um olhar temático que atravessa tangencialmente as ocupações. Ainda que abarcando número relevante, demonstram o teor mais empírico e até imediato dos demais trabalhos, que foram a grande maioria, que buscaram registrar – em geral, por meio de breves incursões etnográficas, entrevistas abertas e investigação nas publicações na Internet – uma ou algumas ocupações em particular. O teor largamente empírico e de registro histórico-documental dos textos demonstra o grande interesse que despertou o movimento e a intenção de construir uma memória sobre ele, mas também nos deixa o desafio de buscar um olhar mais ampliado tanto quanto sintético e aprofundado sobre o evento.

Os trabalhos fazem justiça, entretanto, ao *locus* e sujeitos mais importantes no movimento: escolas de ensino médio e secundaristas, conforme tabela 4.

Tabela 4: Distribuição dos textos sobre ocupações estudantis no Brasil (2015-2016) por tipo de ocupação.

Tipo	n.	%
Escolas de Ensino Médio	32	78,05
IES e Escolas de Ensino Médio	5	12,20
IES	4	9,76
Totais	41	100

Segundo a Tabela 4, apenas 9 títulos abordaram as ocupações de estudantes da educação superior – sozinhas (GROPPO, 2018B; COSTA; GOMES; OLIVEIRA, 2018; OLIVEIRA; COSTA; GOMES, 2017; SILVA; MELO, 2017) ou em conjunto com as ocupações secundaristas (FERREIRA, C., 2017; GROppo, 2018a; GROppo et al., 2017; LARCHERT, 2017; REIS, 2017). Primeiro, isso se correlaciona ao fato de que foram registradas ocupações de IES apenas na 2ª onda, especialmente

quando entrou em pauta a rejeição à PEC 142/55. Ainda assim, na 2ª onda, as ocupações de universidades e institutos técnicos superiores – em alguns lugares, acompanhadas de greves docentes e do pessoal técnico – foram minoria, e, como sugerem os estudos, foram largamente inspiradas pelo exemplo e pela tática usada pelas/pelos secundaristas.

Por meio dos títulos, resumos, palavras-chave e, quando necessário, pela leitura do texto dos trabalhos selecionados, foi possível verificar as principais temáticas abordadas por autoras e autores, bem como as técnicas de pesquisa utilizadas e referenciais teóricos, apresentados nas tabelas 5, 6 e 7.

A leitura dos trabalhos tende a mostrar que há uma relação providencial entre as temáticas mobilizadas para tratar do evento ocupações estudantis. Ou seja, vários dos escritos revelam que o evento surpreendeu a autora ou o autor, no decorrer de pesquisas cotidianas ou para a pós-graduação. Estabeleceu-se com relativa facilidade uma relação entre a ocupação e a temática pesquisada oportunamente. Algo semelhante se deu também com o referencial teórico. Isso explica, nas tabelas 5 e 6, a relativa diversidade de temáticas e de referenciais teóricos. Contudo, não são aleatórios. Há dados olhares e categorias analíticas que permitem analisar melhor o evento ocupações, e os sujeitos pesquisadores familiarizados com esses tiveram uma motivação a mais para se debruçar sobre o movimento, para além de sua potência e novidade.

Quatro blocos temáticos se destacaram, segundo a Tabela 5: Política e formação política; Escola e políticas educacionais; juventude e sociabilidade; Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). São temáticas que cabem bem para compreender os elementos em jogo nas ocupações, em que adolescentes e jovens fazem a autogestão do espaço e tempo educativo, combinam redes sociais e assembleias cotidianas; políticas educacionais de acentuado teor gerencialista e neoliberal produzem reações inesperadas de defesa da instituição escolar e do direito à educação; práticas auto-formativas revelam outras dimensões da sociabilidade juvenil das relações dos sujeitos jovens com adultas/adultos e com o tempo e espaço escolar, etc.

Quatro eixos teóricos podem ser identificados, segundo a Tabela 6, além de referências esparsas (concentradas em “outros”). As autoras/autores mobilizam vários elementos e categorias de seus referenciais teóricos, tentando dar conta da surpresa e potência das ocupações. Por vezes, parece que o movimento é realçado em alguns de seus elementos concretos, aqueles que tendem a confirmar os referenciais teóricos: de Gramsci e o conceito de hegemonia, a Foucault e o cuidado de si, muitas categorias são mobilizados para tentar compreender as ocupações, como a consciência crítica de Freire, a autogestão, a democracia, a performatividade de Butler, a descolonização, a epistemologia do Sul em Boaventura e até a psicanálise de Lacan,

Tabela 5: Principais temáticas abordadas nos textos sobre ocupações estudantis no Brasil (2015-2016).

Bloco temático	Tema	n.	%
Política e formação política	Características das ocupações	5	53,66
	Democracia	5	
	Caráter formativo da ocupação	5	
	Autonomia/autogestão	3	
	Movimento social	1	
	Resistência	1	
	Socialização política	1	
	Feminismo	1	
<i>Total parcial</i>		22	
Juventude e sociabilidade	Atuação juvenil	1	21,95
	Relação entre ocupações e o tempo	1	
	Educação não formal	1	
	Sociabilidade	1	
	Relações intergeracionais	1	
	Memórias	1	
		5	
<i>Total parcial</i>		5	
Escola e políticas educacionais	Relação entre ocupação e política educacional	4	12,20
	Relações entre os jovens e a escola	2	21,95
	Experiência escolar	1	
	Representação da escola	1	
	Análise de conjuntura do movimento	1	
<i>Total parcial</i>		10	
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)	2	12,20
	Ciberativismo	1	
	Estratégias comunicacionais	1	
	Leitura e escrita	1	
<i>Total parcial</i>		5	
Totais		41	100

Tabela 6: Principais referências teóricas adotadas nos textos sobre ocupações estudantis no Brasil (2015-2016).

Eixo teórico	Referência teórica	n.	%
Teorias pós-críticas	Teorias pós-estruturalistas (Foucault, Derrida, Deleuze, Guatarri, Butler)	6	
	Larossa	2	
	Rancière	2	
	Descolonização	1	
	Boaventura Santos	1	
<i>Total parcial</i>		12	30,77
Teorias dos movimentos sociais	Teoria dos processos políticos/ Charles Tilly	2	
	Alberto Melucci	1	
	Castells	1	
	Thompson	1	
		5	
<i>Total parcial</i>		5	12,82
Teorias críticas	Pedagogias críticas (Paulo Freire, Giroux)	5	
	Gramsci	3	
<i>Total parcial</i>		8	20,51
Outros	Pierre Lévy	2	
	“Autonomia”	2	
	Psicanálise	2	
	Zona Autônoma Temporária	1	
	Representações culturais	1	
	Educação não Formal (Gohn)	1	
	Administração pública	1	
<i>Total parcial</i>		10	25,64
Juventude	Narrativas juvenis	1	
	Protagonismo juvenil	1	
	Cultura juvenil	1	
	Presentismo	1	
<i>Total parcial</i>		4	10,26
Totais		39	100

Tabela 7: Principais técnicas de pesquisa utilizadas pelos textos sobre ocupações estudantis no Brasil (2015-2016).

Técnica	n.	%
Entrevistas	12	22,64
Pesquisa documental	10	24,39
Publicações nas redes sociais/ Internet	9	21,95
Observação	7	13,21
Reflexão teórica	3	7,32
Análise de conjuntura	3	7,32
Grupos de discussão/ grupo focal	4	7,32
Pesquisa etnográfica	2	4,88
Questionário	1	1,89
Notícias da imprensa	1	1,89
Cartazes	1	1,89
Método cartográfico	1	1,89
Totais	54	100

Isso levou a um uso de técnicas de pesquisa também providenciais, conforme revela a tabela 7. Parte relevante dos textos surgiu de algum tipo de relação pessoal estabelecida entre a autoria e o movimento, seja por ser docente da escola ou IES, por ter ministrado alguma palestra na ocupação, ou simplesmente pela iniciativa de bater à porta da escola ocupada e pedir para conhecer. É por isso que o número de trabalhos criados a partir da observação e de entrevistas é grande (vários trabalhos combinaram essas técnicas). Diversas pesquisas fizeram uso também do registro generoso dos eventos na Internet, em especial nas redes sociais, assim como de materiais diversos deixados pelas administrações públicas acessado por pesquisa documental. Mas a maioria dos trabalhos fez uso de entrevistas semiestruturadas, boa parte deles durante o próprio movimento ou pouco após o final das ocupações, preocupados principalmente em registrar as características das ocupações e suas relações com a sociedade, cultura, política e TICs.

6.2 Referencial Teórico

Um primeiro conjunto de trabalhos a ser considerado trata da ação política como ação criadora, instituinte. A ação das/dos ocupas é ação criadora, de ruptura, de inovação, de construção de novas realidades sociais e educacionais, ao mesmo tempo em que as/os adolescentes se revelam como sujeitos políticos, radical e inesperadamente. Hannah Arendt (2007), ao caracterizar a ação humana como fundamentalmente criadora e, portanto, como política, abriu caminho que foi trilhado de maneira mais radicalmente democrática por autores que combinam formas heterodoxas de marxismo com o pós-estruturalismo, como Souza (2008), Liberato (2006), Negt e Kluge (1999) e Hardt e Negri (2001). Elas/eles nos falam de poder instituinte, ação criadora e emergência de sujeitos políticos. Para a pesquisa “A dimensão educativa das organizações juvenis”, tem sido muito valorosa a noção de Jacques Rancière (2014, 1996) sobre a política como dissenso e espaço criador de sujeitos políticos, que inspira a noção de subjetivação política, tratada melhor abaixo.

Um diálogo com a tradição teórica acerca dos movimentos sociais será importante para a pesquisa. Primeiro, a discussão sobre a natureza da ação coletiva e dos movimentos sociais (JASPER, 2016; GOHN, 1997, 2000; MELUCCI, 1996; SPÓSITO, 2014). Segundo, o caráter formativo dos movimentos sociais. (ARROYO, 2003; FREIRE, 2000; STREK, 2009; STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008).

Parte relevante das referências acima se inclui entre as chamadas teorias dos Novos Movimentos Sociais (NMS). Delas também retiramos a discussão teórica sobre participação política, que rompe com a versão institucional e adultocêntrica tradicional, mas que também não incorre nas propostas hegemonizadas via agências supranacionais de desenvolvimento (como as que apregoam o “protagonismo juvenil”). Há, entretanto, duas versões ou duas concepções contemporâneas sobre participação política: a dos próprios NMSs (GOHN, 1997; MESQUITA, 2003) e a derivada do pós-estruturalismo, como a proposta de Silva e Castro (2013) sobre os coletivos fluidos. Novamente, agora com a segunda versão sobre a participação política juvenil, nos aproximamos da noção de subjetivação política.

A aproximação com o tema da subjetividade de modo algum é capricho deste pesquisador, que, na verdade, sempre foi mais afeito às corriqueiras abordagens sociológicas macroestruturais ou que focam os grandes processos sócio-históricos. Tratar da subjetividade tem sido uma exigência do próprio campo de pesquisa, um grito das/dos adolescentes e jovens que temos pesquisado, com quem temos ensinado-e-aprendido e lutado. Jovens que adoecem na universidade, esgotadas e esgotados por um sistema de ensino que oprime sujeitos docentes e discentes. Tampouco quem busca saídas nos movimentos e organizações estudantis escapa das aflições pessoais, tal como o desgaste em uma ocupação – na universidade pesquisada – muito longa, incompreendida e brutalmente reprimida quando compôs atos nas capitais, enquanto as organizações tendem a descuidar da dimensão pessoal da jovem militância, por vezes deixando no esquecimento quem é levado pelo adoecimento ou pela estafa a abandonar a militância. Enfim, temos adolescentes que nos angustiaram, quando narraram seu luto no que era para ter sido uma festa, o Seminário: Memorial das Ocupações Estudantis.

Para abordar a subjetividade de um movimento estudantil, nossa escolha foi a de enfatizar o processo de formação e auto-formação de sujeitos políticos, o que pode ser identificado com o tema da subjetividade política. Nesse momento, a Sociologia da Educação reencontra temas da Psicologia Social, e se recorda que a educação é basicamente o processo de formação de sujeitos, ainda quando aborda processos históricos e estruturas sociais de largo alcance. Na pesquisa bibliográfica, encontramos indícios de que a construção de categorias relativas à subjetividade política tem sido obra tanto das ciências sociais quanto da psicologia, e não é tão recente quanto se imaginava. (ALVARADO; OSPINA-ALVARADO; GARCÍA, 2012).

Para os fins deste projeto, é interessante reunir as abordagens sobre a subjetividade política em três conjuntos: 1) a perspectiva psicanalítica; 2) a subjetivação política; e 3) a perspectiva antropológica.

Para conhecer a **perspectiva psicanalítica**, foi feita inicialmente a consulta à Revista Mal-estar e subjetividade, publicada pela Universidade de Fortaleza de 2001 a 2013, em que encontramos interessantes trabalhos nos quais categorias freudianas e lacanianas foram usadas para tratar do tema do mal-estar discente nas escolas e universidades. (ALMEIDA, 2010; XAVIER; NUNES; SANTOS, 2008). Ideia chave é o comentário de Freud, retomado por Lacan, de que “governar, educar e psicanalisar se apresentam como três tarefas impossíveis”. (CARNEIRO, 2005, p. 7). Categoria de grande relevância é o de angústia, sentimento narrado intensamente durante o Seminário: Memorial das ocupações estudantis, por secundaristas e estudantes da educação superior. Consultar o que alguns desses trabalhos dizem sobre a angústia parece ser interessante para um cotejo com as memórias e o discurso das/dos ocupas. (PISETTA, 2008; VIOLA; VORCARO, 2009).

Mas o trabalho mais interessante nesta perspectiva psicanalítica é o de Andrade e Coutinho (2017), já que trata justamente de uma ocupação secundarista no Rio de Janeiro. Não aparece a categoria da angústia, indicando que o sentimento não se manifestou com a mesma força em todos os locais, em especial onde houve vitórias, como no próprio Rio de Janeiro. Antes, destacam-se os conceitos de laços sociais e sujeito desejante. Andrade e Coutinho (2017) afirmam que a ocupação revelou uma relação paradoxal entre o adolescente e o mestre, perturbada pela ocupação, que trouxe à tona a dimensão do desejo.

Quanto ao segundo conjunto, a noção de **subjetivação política** é apresentada como uma superação da noção de socialização política por Lúcia Rabello de Castro, coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas (NIPIAC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (CASTRO, 2009). Tal apresentação faz uso da categoria de sujeito político de Jacques Rancière.

Contudo, pesquisando sobre o tema, encontramos uma forte tradição em outros centros de pesquisa na América Latina no campo correlato da **subjetividade política**, destacando-se o Centro de Estudios Avanzados en Niñez y Juventud⁵, da Universidad de Manizales y Cinde, em Manizales, Colombia, em especial por meio dos estudos de Sara Victoria Alvarado. (ALVARADO et al., 2008; ALVARADO; OSPINA-ALVARADO; GARCÍA, 2012). Outro autor muito citado é Fernando González Rey. (GOMES; 2012).

⁵Que mantém a importante Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud. (Disponível em <>). Artigo de Arias-Cardona e Alvarado (2015) traz um levantamento de trabalhos que fazem uso da categoria subjetividade política em estudos recentes sobre juventude na América Latina.

A noção de subjetividade política tem sido utilizada por tais autoras/autores com a intenção de abarcar um conjunto de processos sociais e psicológicos que incluem, nos termos do autor português Pedro Caetano (2018; 2016), a socialização política (como integração à sociedade e às organizações), a individuação (a participação na vida coletiva e a experimentação) e a subjetivação (o aperfeiçoamento de si mesmo). Caetano, assim como os latino-americanos antes citados, foram precedidos pelo esforço de sociólogos europeus, como François Dubet, e brasileiros, como Juarez Dayrell, de reconstruírem a categoria de socialização, considerando que os sujeitos ou atores sociais são ativos participantes de sua própria socialização (DAYRELL, 2002), tanto quanto que os processos de socialização são mais complexos e múltiplos na contemporaneidade, quando até mesmo adultos necessitam retomar processos formativos e repensar valores sociais. Contextos mais mutantes da vida contemporânea têm levado, segundo Peralva (1997) e Pais (2012), a gerações juvenis e adultas participarem de um modelo “configurativo” de socialização.

Mas a concepção de subjetivação política de Castro teve importante função heurística nas análises acerca das ocupações estudantis secundaristas e universitárias, durante a pesquisa “A dimensão educativa das organizações juvenis” (GROPPO et al., 2017; GROppo, 2018b), assim como na proposição deste projeto de pesquisa. Assim ela é definida em um dos estudos de Castro:

Experiências de interpelação, mobilização e adesão de crianças e jovens a um espaço de disputas em torno do que vai mal em seu entorno e, eventualmente, na sociedade em geral, o que os levam, conseqüentemente, a engajar-se em ações junto com outros (seus pares). Muitas mobilizações ainda carecem de um “nome”, um significante que dê corpo simbólico às demandas; porém, a mobilização abarca, igualmente, ações em prol de significar respostas frente ao mal-estar. Subjetividades políticas produzidas emergem com “ruídos” que “articulam linguagens e expressões frente aos outros”. (CASTRO, 2010, p. 30, nota 6).

Os estudos sobre a subjetivação política enfatizam dispositivos de subjetivação oferecidos ou criados no campo político para as e os jovens – em vez da imposição de valores e padrões de modo unidirecional por adultos. Enfatizam a importância de conflitos e choques de vontades individuais para forjar identificações coletivas – em vez de “capacitações” para se acomodar aos outros e manejar conflitos. (CASTRO; MATTOS, 2009). Destacam espaços não convencionais de participação política, incluindo a arte e a cultura, por meio de coletivos que mobilizam paixões e afetos. (CASTRO, 2009). A categoria de subjetivação política ultrapassa o caráter meramente integrador e unilateral da noção tradicional de socialização e socialização política, flagra adolescentes e jovens como seres com capacidade de participar, de modos próprios, da vida social e política, cujas demandas e ações alteram o espaço público e as pautas do debate coletivo, fazendo emergir novos atores e outras formas de atuar politicamente. Na construção de si, adolescentes e jovens dialogam e se confrontam com gerações adultas, por vezes opondo o que a maturidade espera das gerações mais novas ao que essas trazem como desejo e vivência. (CASTRO, 2009).

A definição do próprio Rancière sobre subjetivação política, abaixo, demonstrou ter grande potência para interpretar e analisar o movimento das ocupações, desde a compreensão da possibilidade de adolescentes erigirem-se como sujeitos políticos, constituídos em ato, ao flagrante dos conflitos entre estudantes e adultos, quando os segundo muitas vezes subjugaram o poder instituinte das e dos ocupas:

A subjetivação política produz um múltiplo que não era dado na constituição policial da comunidade, um múltiplo cuja contagem se põe como contraditória com a lógica policial. [...] Toda subjetivação é uma desidentificação, o arrancar à naturalidade de um lugar, a abertura de um espaço de sujeito onde qualquer um pode contar-se porque é o espaço de uma contagem dos incontados, do relacionamento entre uma parcela e uma ausência de parcela. (RANCIÈRE, 1996, p. 48).

Para mim, como pesquisador, foi uma outra forma de retomar uma velha ideia, a análise dialética da condição juvenil e dos movimentos das juventudes, quando sujeitos e coletivos juvenis constituem identidades, valores e práticas que se opõem a projetos institucionais que intentam capturar a energia juvenil. (GROPPO, 2000, 2004).

Há, entretanto, mas um terceiro conjunto de referências acerca da subjetividade e da subjetividade política de adolescentes e jovens em movimento. É a perspectiva que chamo de antropológica e que se apresenta, na verdade, de duas formas. A primeira forma é o fato de que a subjetividade desde muito cedo foi problematizada pela Antropologia, por exemplo, por Marcel Mauss, quando tratou das demonstrações públicas de sentimentos, segundo Cláudia Fonseca (1999). Para a mesma autora, a subjetividade que interessa à Antropologia é aquela constituída socialmente ou, ao menos aquela, que está relacionada com o coletivo, ou seja, a subjetividade socialmente situada. (FONSECA, 1999).

A segunda forma se dá por meio da imersão etnográfica nas organizações juvenis, quando são consideradas com seriedade as chamadas “categorias nativas”, a saber, os termos usados pelos próprios sujeitos para dar nome e sentido ao que vivem e ao que fazem. (GEERTZ, 2008). Entre adolescentes e jovens ocupas e militantes, especialmente entre estudantes da educação superior, subjetividade ou “dimensão subjetiva” é categoria nativa, largamente usada para se referir à relação (difícil) entre a ação coletiva ou a organização política e as individualidades estudantis ou militantes – ideia já trazida na Apresentação deste projeto.

7. Metodologia

Dou início a esse item, identificando os princípios ético-políticos que orientam a proposta metodológica da presente pesquisa. Eles se inspiram largamente nas tradições da educação popular, em especial em Paulo Freire (1987), bem como na pesquisa participante segundo Carlos Rodrigues Brandão (2003). Aprendi esses princípios junto a outros pesquisadores experientes com quem convivi no Programa de Mestrado em Educação do UNISAL (Centro Universitário Salesiano de São Paulo). Princípios os quais reaprendi na convivência com estudantes e militantes no Grupo de Estudos sobre a Juventude da UNIFAL-MG. São eles: o sujeito pesquisador deve atuar como intérprete e interlocutor das comunidades educativas; é preciso valorizar a intersubjetividade e as vozes dos sujeitos das ações educacionais; metodologias e técnicas de investigação que destacam o qualitativo na realidade educacional precisam ser valorizadas – mas sem desconsiderar o quantitativo; e, finalmente, considera-se como primordial interpretar os contextos, as vozes e a historicidade dos sujeitos investigados. (ANTÔNIO, 2009; GROppo; ANTÔNIO, 2016).

Nesse sentido, a postura metodológica aqui assumida é aberta para as experiências e as vozes dos sujeitos, com a escuta atenta, o diálogo e a valorização do qualitativo, ou seja, dos sentidos que aquelas/aqueles que agem atribuem às suas ações.

A compreensão é categoria chave nas chamadas pesquisas ou metodologias qualitativas. Ela está na origem desta concepção de ciência e é ponto em comum das múltiplas metodologias qualitativas. É a chamada tradição *verstehen* ou hermenêutica, a qual pressupõe que as ações dos sujeitos sempre têm um ou mais sentidos ou significados a compreender. Em todas estas metodologias qualitativas, o pesquisador é o principal instrumento de investigação, o que pressupõe contato direto e prolongado com a realidade pesquisada, que gera uma profusão de dados predominantemente qualitativos, tais como descrições detalhadas, citações literais do que é dito e trechos ou íntegras de documentos. A realidade é concebida como uma construção social, da qual o investigador é partícipe e em cujo seio o significado das ações só pode ser compreendido levando-se em conta as inter-relações mais amplas estabelecidas por estas ações com seu contexto (holismo). (GROppo; ANTÔNIO, 2016, p. 20).

A principal inovação do atual projeto de pesquisa, em relação à pesquisa precedente, é o fato desse projeto ser, largamente, uma construção coletiva, fruto da *práxis* do Grupo de Estudos sobre a Juventude de Alfenas da UNIFAL-MG e do debate com a equipe reunida em torno da coletânea *O movimento das ocupações estudantis no Brasil*. O Grupo, projeto de extensão existente desde 2014, que também é ligado ao Grupo de Pesquisa Filosofia, História e Teoria Social da UNIFAL-MG, tem a coordenação adjunta da Profa. Dra. Renata Nunes de Vasconcelos (doutora em Educação e psicanalista). Tem reunido estudantes do mestrado em Educação, de graduação de diversos cursos (Ciências Sociais, História, Geografia, Licenciatura em Biologia, Pedagogia, Licenciatura em Química e Odontologia) e, mais recentemente, secundaristas (com Bolsa de Iniciação Científica de Ensino Médio, pelo CNPq e FAPEMIG).

Nesse sentido, peço licença para citar um trecho do projeto de pesquisa “A dimensão educativa das organizações juvenis”, que serve para referendar a intenção dialógica e participativa das pesquisas em que sou proponente:

A voz do pesquisador não se quer solitária, externa e superior, mas, ainda que reconhecidamente diferente da dos sujeitos pesquisados, quer se acompanhar de ouvidos atentos e de grande capacidade de diálogo. Ao interpretar as relações educacionais, o pesquisador, para além de oferecer um relatório ao mundo científico, quer pensar para e com as comunidades educativas estudadas. Quer se colocar também na posição de interlocutor com os sujeitos das intervenções educativas, podendo inclusive ser uma espécie de ponte entre as concepções elaboradas pelas ciências (teorias, conceitos e metodologias) e as práticas educativas presentes no cotidiano destes sujeitos. Para que esta intermediação seja possível, é ainda mais lícito o bom rigor científico – jamais o contrário – pois que se coloca tal qualidade ao dispor das comunidades educativas e de seus educadores-e-educandos. (GROPPO, 2015, p. 32).

A pesquisa e seu projeto atenderão os padrões éticos normatizados pela Resolução n. 510/2016, sobre a Pesquisa com Seres Humanos nas Ciências Humanas. (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2016). O projeto será submetido ao Comitê de Ética da UNIFAL-MG, após o registro de seu protocolo de pesquisa na Plataforma Brasil.

Dadas estas considerações, indico quais são as suas técnicas de coleta de dados, bem como as suas respectivas contribuições para que os objetivos desta pesquisa sejam alcançados:

a) Continuidade da **pesquisa bibliográfica** de trabalhos acadêmicos sobre o movimento das ocupações em 2015 e 2016:

- Parte da pesquisa bibliográfica feita ao longo da pesquisa “A dimensão educativa das organizações juvenis” colaborou também para a construção do presente projeto de pesquisa, em especial os trabalhos sobre as ocupações estudantis no Brasil, que fundamentaram a revisão bibliográfica apresentada no item 5;
 - Entende-se a revisão bibliográfica ou revisão da literatura como um estudo prévio e necessário a qualquer pesquisa, tratando do que foi produzido de mais relevante no tema em questão. (LUNA, 1996; LIMA; MIOTO, 2007);
 - Entende-se a pesquisa bibliográfica como procedimento ou um dos procedimentos de pesquisa adotado para a resolução de problemas ou à consecução de objetivos de pesquisa (LIMA; MIOTO, 2007);
 - A revisão bibliográfica e a continuidade da pesquisa bibliográfica também serão necessárias para a construção e refinamento do referencial teórico da pesquisa (ALVES, 1992).

A pesquisa bibliográfica contribuirá com a consecução de diversos objetivos:

- Primeiro, trará subsídios especialmente para o objetivo específico n. 1 (mapeamento das ocupações) e o n. 2 (estrutura e dinâmica das ocupações), mas também trará elementos relevantes para os demais objetivos específicos;

- o Segundo, permitirá o aprimoramento do referencial teórico, apresentado no item anterior, baseado, a princípio, nas proposições de Rancière e Castro sobre subjetivação política. (RANCIÈRE, 2014, 1996; CASTRO, 2009; CASTRO; MATTOS, 2009). Outras categorias e ideias, que também foram lapidadas ao longo da pesquisa “A dimensão educativa das organizações juvenis”, serão trazidas e desenvolvidas: política como dissenso e autocriação de sujeitos políticos; caráter educativo e autoformativo dos movimentos sociais e das ações coletivas; autogestão; e co-educação entre gerações.

b) **Levantamento de dados** produzidos ou coletados por entidades que documentaram o movimento das ocupações estudantis, por meio da consulta de seus sítios na Internet, como a UNE (União Nacional dos Estudantes), UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) e ANPEd (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação), para um mapeamento das ocupações estudantis de 2015 e 2016:

- Entende-se aqui o levantamento de dados como uma pesquisa documental, conforme definição de Marconi e Lakatos (2009, p. 176): “A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois”;

O levantamento de dados contribuirá para a consecução do objetivo específico 1 (mapeamento das ocupações estudantis).

c) Sondagens para o **levantamento de ocupas para entrevistas**, a partir de rede de contatos acadêmicos e políticos da equipe de pesquisa, nos seguintes estados: no Sul, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná; no Sudeste, São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais; no Centro-Oeste, Goiás; no Nordeste, Ceará; no Norte, Pará.

- Em preparação à etapa da realização das entrevistas, a equipe de pesquisa fará uso de sua rede de contatos acadêmicos e políticos para levantar possíveis sujeitos para as entrevistas, pessoas que foram ocupas em escolas de Ensino Médio, buscando abarcar a diversidade desses sujeitos e das formas de ocupação. Para tanto, também será importante avaliar os resultados do mapeamento, do formato das ocupações e da caracterização dos sujeitos (objetivos específicos 1, 2 e 3). Ou seja, buscar-se-ão pessoas de ambos os sexos, que eram ou não militantes de organizações estudantis antes das ocupações, de escolas com ocupações longas e ocupações mais curtas, de escolas de capitais e do interior dos estados etc.
 - o Sabe-se, pela revisão bibliográfica, que as ocupações entre novembro de 2015 e agosto de 2016 foram ações coletivas de âmbito estadual, vinculadas a protestos contra políticas estaduais e/ou apoio a greves do funcionalismo público estadual: São Paulo, Goiás, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Ceará;

- o Do mesmo modo, sabe-se que a segunda onda de ocupações foi um movimento de caráter nacional, envolvendo ao menos 22 estados mais o Distrito Federal – ainda que bastante concentrado no Paraná (com cerca de mil instituições ocupadas) –, envolvendo também IES e algumas greves de docentes e técnicas/técnicos de IES públicas, em oposição a medidas do governo federal (MP 746⁶ e PEC 142/55), entre setembro e dezembro de 2016. Dados preliminares indicam que, além do Distrito Federal, os estados com maior número de ocupações nessa segunda onda foram: Paraná, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Rio Grande do Norte.

o

Os Estados foram escolhidos, primeiro, por sua importância no movimento: São Paulo foi o Estado onde o movimento começou; Rio Grande do Sul foi um estado que se destacou tanto na primeira, quanto na segunda onda de ocupações; Paraná deu início à segunda onda e foi o que teve o maior número de escolas ocupadas em todo o movimento; Santa Catarina teve diversas ocupações na segunda onda, inclusive no interior do Estado, ainda muito pouco investigadas. Segundo, por flagrarem o movimento para além do eixo Sul-Sudeste, tendo se destacado o Ceará no Nordeste, Goiás no Centro-Oeste e o Pará no Norte. Terceiro, para justificar a própria importância da pesquisa para a região que abriga a universidade do proponente, consideramos premente envolver Minas Gerais, mais especificamente o Sul do Estado.

- o Destaca-se a intenção de também fazer entrevistas de ocupas de escolas no interior dos estados. Nesse sentido, buscar-se-á compreender o processo de interiorização deste movimento.

Na escolha dos estados e sujeitos para entrevistar, o entendimento é que se devem privilegiar dados qualitativos. Não se trata de amostra aleatória e probabilística, mas sim, de um conjunto de diversos sujeitos e experiências que representam o movimento das ocupações em seu campo de significados:

- o Nosso entendimento é que a busca de uma amostra aleatória e probabilística seria bastante dificultada pelo caráter informal do movimento, por sua amplitude e pela diversidade das formas de participação. Perder-se-ia bastante tempo tentando definir a representatividade estatística da amostra, bem como a busca dos sujeitos, e ela não necessariamente responderia aos objetivos da pesquisa;
- o Os sujeitos considerados como representativos do movimento das ocupações em diversos locais, a partir de nossa rede de contatos, poderão nos levar também a outros sujeitos com formas de participação pouco conhecidas por nossa rede e pouco documentados pela bibliografia.

A configuração dessa amostra significativa, não aleatória e/ou probabilística, se baseia no conhecimento acerca do movimento das ocupações até agora acumulado pela equipe, bem como nas possibilidades de contatos por nossa rede. Os sujeitos que serão entrevistados foram ocupas nos seguintes locais:

- o São Paulo: capital, Diadema (onde aconteceu a primeira ocupação) e Sorocaba. Contatos: via membro do Grupo de Estudos, hoje mestranda do Programa de Pós-graduação Interunidades em Ensino de Ciências da Universidade de São Paulo (USP); via pesquisadoras da UFSCar – campus Sorocaba [5 entrevistas];

⁶ Medida Provisória que “reformou” o Ensino Médio, decretada em setembro de 2016.

- o Goiás: capital e Anápolis: por meio do Observatório das Juventudes Contemporâneas, sediado na Universidade Federal de Goiás, em Goiânia [5 entrevistas];
- o Rio Grande do Sul: capital e Caxias do Sul: por meio de contatos na Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), cujo Programa de Pós-graduação em Educação tem pesquisado as ocupações [5 entrevistas];
- o Ceará: Fortaleza e um município do interior: por meio dos contatos de Flávia Alves de Sousa (UERJ) [5 entrevistas];
- o Paraná: Curitiba, Ponta Grossa e outro município do interior a definir: os contatos serão feitos por Anita Helena Schlesner (UTP), Simone Fátima Flach (UEPG) e pela ex-ocupa Ana Júlia Ribeiro. Trata-se de um estado-chave para a pesquisa, já que praticamente todas as suas escolas e IES foram ocupadas no segundo semestre de 2016 [10 entrevistas];
- o Santa Catarina: movimento pouco pesquisado, que teve como uma de suas características a interiorização das ocupações: os contatos serão feitos por Willian Simões (UFFS, campus Chapecó) [5 entrevistas];
- o Minas Gerais: Sul de Minas Gerais, região que acolhe a UNIFAL-MG, destacando-se Poços de Caldas (onde começaram as ocupações nessa região), Campestre (onde uma escola de Ensino Fundamental foi ocupada) e Alfenas. No Sul de Minas, serão feitas também entrevistas com ocupas de IES, para conhecer as suas relações com as ocupações secundaristas, atendendo o objetivo específico 4 [10 entrevistas].
- o Espírito Santo: estado com importantes ocupações na segunda onda do movimento, combinando pautas específicas ao Estado e outras de caráter nacional: contatos por Lívia de Castro Moraes (UFES) [5 entrevistas]
- o Pará: Belém e Marabá: por meio de contatos estabelecidos com Ronaldo Marcos de Lima (UFPA) [5 entrevistas].
- o Total de entrevistas: 55.

Por meio dos contatos de nossa rede, serão feitos convites às/aos ocupas, com o esclarecimento sobre os objetivos da pesquisa, bem como sobre possíveis riscos, desconfortos e benefícios da participação na pesquisa. Aceita a participação, será combinada a melhor data para quem será entrevistado.

d) Realização das **entrevistas**, de caráter semiestruturado, com as/os ocupas, estudantes que participaram ativamente das ocupações de escolas de ensino médio, para conhecer o impacto do movimento e do pós-desocupação em sua formação como sujeitos políticos – atendendo o objetivo geral e os objetivos específicos 5 (relatos e narrativas das experiências da ocupação), 6 (reconhecimento da importância das ocupações), 7 (trajetória escolar e inserção no mundo do trabalho), 8 (opiniões políticas) e 9 (engajamento político).

- Compreende-se a entrevista semiestruturada como uma “série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento”. (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 188):

- o A entrevista seguirá um roteiro preestabelecido, mas que admite acréscimos pelo sujeito entrevistador, para esclarecimentos e aprofundamentos. Esse roteiro compõem-se de perguntas relacionadas aos objetivos específicos listados acima, bem como ao objetivo geral;
- o A entrevista, como se nota, é o principal instrumento de coleta de dados desta pesquisa. Os sujeitos entrevistadores serão Bolsistas de IC (Iniciação Científica) e Mestrandos, sob a orientação do proponente da pesquisa e de outros membros da equipe com Doutorado. Provavelmente haverá bolsistas dos Programas institucionais da UNIFAL-MG, orientados pelo proponente e outros docentes desta instituição, como uma das contrapartidas institucionais. Estudantes de Ensino Médio com Bolsa de Iniciação Científica Júnior, por Programas institucionais da UNIFAL-MG, acompanharão todas as fases da pesquisa, inclusive a realização das entrevistas (como observadoras/observadores), participarão das transcrições e das reuniões para a interpretação e análise dos dados colhidos;
- o Haverá uma grande preparação para os sujeitos entrevistadores, com reuniões para o estudo de textos de metodologia de pesquisa, a discussão sobre o roteiro e sobre a entrevista-teste;
- o Será feita ao menos uma entrevista-teste, com uma/ um ocupa do Sul de Minas, para avaliar a viabilidade do roteiro e da forma de condução da entrevista. Após avaliação dos resultados pela equipe de pesquisa, poderão ser feitas modificações no roteiro e na condução e até mesmo nova entrevista-teste;
- o As entrevistas terão seu áudio gravado e a transcrição fará uso de softwares para transcrição.

Uma das principais motivações para a proposição deste projeto, é financiar o deslocamento de entrevistadoras/entrevistadores e/ou financiar bolsas de IC para a equipe de entrevista. Deste modo, todas as entrevistas serão feitas presencialmente, atingindo de modo mais eficaz a proposta da entrevista semi-estruturada de caráter reflexivo. Outro ganho com as entrevistas presenciais, será a circulação de bolsistas e de membros da equipe para realizá-las:

- o As entrevistas presenciais nas diversas regiões brasileiras permitirão que os bolsistas vindos da UNIFAL-MG entrem em contato com parte da realidade local, inclusive para conhecer as escolas ocupadas, caso possível. Isso trará mais elementos à pesquisa, colaborando na contextualização das entrevistas e na compreensão da diversidade do movimento das ocupações;
- o Do mesmo modo, essa vivência será importante para a própria formação das/dos estudantes que são membros do Grupo de Estudos, enriquecendo sua constituição como pesquisadoras/pesquisadores.

A abordagem da pessoa entrevistada, a condução da entrevista e as preocupações com a intersubjetividade se baseiam na proposta da entrevista reflexiva segundo Szymanski (2004, p. 14-15):

Foi na consideração da entrevista como um encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade dos protagonistas, podendo se constituir um momento de construção de um novo conhecimento, nos limites da representatividade da fala e na busca de uma horizontalidade nas relações de poder, que se delineou essa proposta de entrevista, a qual chamamos de reflexiva, tanto porque leva em conta a recorrência de significados durante qualquer ato comunicativo quanto a busca de horizontalidade.

- Para a garantia da reflexividade, Szymaniski (2004) propõe que a entrevista tenha dois momentos. O primeiro é o da entrevista propriamente dita. No segundo, se devolve à pessoa entrevistada o resultado do primeiro momento da entrevista, quando podem ser feitas alterações, correções, supressões e acréscimos.
- Assim, nossa intenção é a de fazer essa devolução da entrevista transcrita às pessoas entrevistadas, para que possam fazer as mudanças que julgarem necessárias. Mas, pretendemos que essa reflexividade vá ainda para além dessa devolutiva, conforme se explica a seguir.

e) **Construção de textos de divulgação, documentários e Portal na Internet**, com resultados parciais da pesquisa, para serem debatidos com atuais estudantes de ensino médio e jovens que foram ocupas, tanto em Alfenas-MG, sede da universidade onde a pesquisa será realizada, quanto em outros locais do Brasil por meio de atividades de extensão universitária e da Internet.

- A reflexividade proposta por Szymanski (2004) para as entrevistas semiestruturadas, e para a própria pesquisa, vai para além daquele segundo momento de devolução da entrevista transcrita, pois que passa também pela construção coletiva das interpretações dos dados coletados na pesquisa;
- Essa construção coletiva envolverá, em um primeiro momento, o Grupo de Estudos sobre a Juventude e a equipe de pesquisa, mas esperam-se criar produtos acadêmicos e extensionistas que permitirão novos momentos de reflexividade, via diálogo com os sujeitos em um ambiente com, ao menos, relativa horizontalidade, em que as diferentes perspectivas e sensibilidades serão levadas em conta na construção dos resultados finais da pesquisa:
- A partir dos dados colhidos pela pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevistas, o Grupo de Estudos e a equipe de pesquisa fará interpretações e planejará produtos acadêmicos (como artigos, trabalhos em eventos, capítulos de livro etc.) e extensionistas (eventos, documentários, textos formativos e de divulgação etc.), com os quais se espera realizar diálogos com um conjunto maior de sujeitos: estudantes secundaristas e da universidade, pessoas que foram ocupas de escolas e de IES no Sul de Minas Gerais, mesas-redondas e rodas de conversa com pesquisadoras/pesquisadores e ocupas de várias partes do país etc.
- Nosso desejo é o de envolver ocupas que hoje estão na UNIFAL-MG como estudantes de graduação, quiçá no próprio Grupo de Estudos, mas ao menos em algumas das atividades de extensão para debate do material construído;
- Também, de envolver ocupas em outros estados do país que participarem das atividades extensionistas, principalmente no Paraná, em que Simone Fátima Flach (UEPG) e Anita Helena Schelesener (UTP) realizarão atividades nas escolas e nas universidades;
- As atividades extensionistas contarão com o apoio de Bolsistas de Iniciação à Extensão, na UNIFAL-MG e no Paraná.

Outra forma de divulgação dos resultados parciais será a construção de um Portal da Internet, em que os próprios textos de divulgação e documentários serão postados, servindo para colher relatos e impressões de estudantes e ex-estudantes acerca do movimento das ocupações.

f) **Análise dos conteúdos desses debates**, a qual pode ser incorporada aos resultados parciais colhidos na revisão bibliográfica, no mapeamento das ocupações e nas entrevistas.

- A interpretação e análise dos dados fará o cotejo entre eles e as categorias e conceitos apresentados no subitem Referencial Teórico, destacando-se aqueles relativos à noção de subjetivação política, bem como aqueles que contribuirão para compreender a estrutura e a dinâmica das ocupações e seus aspectos educativos;
- Para a discussão e análise dos dados, destacar-se-ão os três Seminários da equipe de pesquisa (2019, 2020 e 2021), cada qual realizado em uma IES diferente.

8. Relevância e impacto do projeto para o desenvolvimento científico

O principal resultado esperado por essa pesquisa é a construção de conhecimentos inovadores a respeito das ações coletivas e movimentos sociais, já que a ênfase é sobre os resultados a médio prazo, que intentam mergulhar nas subjetividades de adolescentes e jovens, acompanhando seu processo de autoconstituição como sujeitos políticos. Esses conhecimentos, apesar de largamente qualitativos, não incidem sobre um único caso ou localidade, mas esperam abordar distintos exemplos do movimento das ocupações que abarcam todas as regiões do país, bem como considerarão os diferentes momentos do movimento das ocupações – desde seu início, no final de 2015, às últimas desocupações, no final de 2016. Outro resultado que espera ser muito impactante é a devolutiva de resultados da pesquisa também como ações de extensão universitária, envolvendo outras formas de divulgação do conhecimento (textos de divulgação, documentários e Portal da Internet) e o diálogo com adolescentes e jovens que participaram ou não das ocupações.

A pesquisa e os conhecimentos que se espera construir com ela são relevantes e impactantes por vários motivos, descritos a seguir. Primeiro, a possibilidade de conhecer mais profundamente um processo social – um conjunto de ações coletivas – de grande abrangência, que envolveu quase todas as unidades federativas do país. Segundo, a possibilidade de conhecer os impactos a médio prazo desse processo social – considerando também o “pós-desocupação” - nos sujeitos envolvidos diretamente nele, do ponto de vista da sua formação e auto-formação política e trajetória escolar – incluindo a possível busca de novos caminhos de transformação da escola, como o ingresso em cursos de Licenciatura e o desejo de ser outro tipo de docente.

Terceiro, trata-se de uma pesquisa de caráter nacional – ainda que não exaustiva – mas que não pretende se bastar em casos tomados das capitais ou grandes metrópoles. Ela deseja conhecer um pouco do processo de interiorização das ocupações. Não se deve desprezar o poder do “contágio” do movimento, em especial no segundo semestre de 2016. Por exemplo, praticamente todas as escolas do Paraná foram ocupadas, e não apenas sua capital e municípios maiores. No Sul de Minas Gerais, até mesmo uma escola municipal de Ensino Fundamental teve uma ação de protesto – uma espécie de ocupação simbólica, de um dia – em que pré-adolescentes e adolescentes colocaram todo um pequeno município, de menos de 10 mil habitantes, Campestre, para debater a PEC 55/142. Em Campestre, as/os estudantes enviaram cartas para as/os responsáveis, informando sobre a ação e seus motivos, conseguindo a compreensão e até apoio da população.

Outros motivos justificam a relevância e o possível impacto desta investigação. As atividades de extensão, conjugadas com a pesquisa, re-abrem o mundo acadêmico a novas formas de conhecimento, formação e experiência, ensaiadas ou vividas durante as ocupações. A perspectiva longitudinal ou temporal, incidindo sobre os impactos subjetivos da participação de adolescentes em uma ação coletiva, podem nos levar a conhecer melhor o que significaram os processos de enfrentamento vividos pelas/pelos ocupas diante de autoridades e adultos, bem como tentativas de silenciamento, ocultamento na memória e a perseguição – no mínimo, uma denúncia e um alerta a quem é educadora/educador. Há também uma novidade deste movimento: adolescentes tomando a linha de frente de um movimento social, inspirando até mesmo o movimento estudantil universitário, demonstrando a fragilidade dos discursos do senso comum e até de certos pedagogos midiáticos, que diziam que pouco poderia se esperar das/dos adolescentes do ensino médio, supostamente alienados pelo consumismo e redes sociais, individualistas, com pouca atenção às questões políticas e sociais e “sem esforço”.

Acreditamos que a pesquisa possui grande potência pelo fato de ter nascido desde o diálogo com as/os estudantes que ocuparam as escolas, no Seminário: Memorial das ocupações estudantis, levando o Grupo de Estudos sobre a Juventude da UNIFAL-MG a assumir a busca de conhecimentos sobre o movimento das ocupações secundaristas como tarefa premente. A seguir, da pronta adesão de quase 20 pesquisadoras/pesquisadores ao chamado do esforço de uma primeira sistematização acadêmica sobre as ocupações estudantis, dando origem à coletânea *O movimento das ocupações estudantis no Brasil* – de onde veio boa parte da equipe de pesquisa deste projeto.

Penso que, tão interessante quanto a sua motivação, é a forma como esse projeto se construiu e como a pesquisa pretende se realizar, na medida do possível (em parte relevante, inspirada não apenas pelas organizações juvenis investigadas na pesquisa “A dimensão educativa das organizações juvenis”, mas pelo próprio formato das ocupações estudantis): de modo coletivo, horizontal, co-gerido e desejanste de benefícios para a adolescência e a juventude.

A consolidação de uma rede de pesquisa sobre ações coletivas juvenis poderá ser outro importante resultado deste trabalho coletivo de investigação, já que se envolveram 22 pesquisadoras/pesquisadores pertencentes a 13 diferentes IES, envolvendo 8 estados e 4 regiões do país. Certamente, a grande motivação para a reunião desta equipe veio da valentia das/dos ocupas, inspirando a equipe a aceitar o desafio empírico, teórico e político de compreender esta grandiosa ação coletiva juvenil

9. Atividades da equipe e Cronograma

A pesquisa, com duração de 36 meses (março de 2019 a fevereiro de 2022), será desenvolvida a partir das seguintes etapas descritas abaixo, em conjunto com os meses em que serão realizadas

1º ano: março de 2019 a fevereiro de 2020

Etapas	Período
1. Pesquisa Bibliográfica	março a junho de 2019
2. Levantamento de Dados	março a junho de 2019
3. Levantamento de prováveis pessoas (“ocupas”) a entrevistar	março a maio de 2019
4. Seleção de Bolsistas de Iniciação Científica para as entrevistas do Sudeste, Pará e Ceará	março de 2019
5. Preparação da equipe para as entrevistas do Sudeste, Pará e Ceará	abril e maio de 2019
6. Realização das entrevistas do Sudeste, Pará e Ceará	junho a setembro de 2019
7. Planejamento e organização do I Seminário da Equipe de Pesquisa (UNIFAL-MG)	agosto a outubro de 2019
8. Transcrição das entrevistas do Sudeste, Pará e Ceará	outubro a dezembro de 2019
9. Realização do I Seminário da Equipe de Pesquisa (UNIFAL-MG)	novembro de 2019
10. Organização e publicação dos Anais do I Seminário da Equipe de Pesquisa	dezembro de 2019
11. Redação e Submissão de artigos para Revistas de Qualis A1 e A2, com base na Pesquisa Bibliográfica	janeiro e fevereiro de 2020

2º ano: março de 2020 a fevereiro de 2021

Etapas	Período
12. Seleção de Bolsistas de Iniciação Científica nas instituições do Sul e Goiás	março de 2020
13. Preparação da equipe de entrevistas nas instituições do Sul e Goiás	abril e maio de 2020
14. Realização das entrevistas do Sul e Goiás	junho a setembro de 2020
15. Planejamento e organização do II Seminário da Equipe de Pesquisa (UFG)	agosto a outubro de 2020
16. Transcrição das entrevistas do Sul e Goiás	outubro a dezembro de 2020
17. Realização do II Seminário da Equipe de Pesquisa (UFG)	novembro de 2020
18. Organização e publicação dos Anais do II Seminário da Equipe de Pesquisa	dezembro de 2020
19. Redação e Submissão de artigos para Revistas de Qualis A1 e A2, com base nas Entrevistas	janeiro e fevereiro de 2021

3º ano: março de 2021 a fevereiro de 2022

Etapa	Período
20. Seleção de bolsistas de Iniciação à Extensão	março de 2021
21. Preparação da equipe de Extensão	abril de 2021
22. Planejamento e organização de atividades de extensão na UNIFAL-MG e no Paraná	março e abril de 2021
23. Atividades de extensão em escolas de Ensino Médio no Sul de Minas Gerais e no Paraná	maio de 2021
24. Realização de eventos de extensão na UNIFAL-MG e universidade do Paraná	junho de 2021
25. Criação de produtos de divulgação científica (textos, Portal e documentários)	maio a setembro de 2021
26. Planejamento e organização do III Seminário da Equipe de Pesquisa (Curitiba/PR)	agosto a outubro de 2021
27. Realização do III Seminário da Equipe de Pesquisa (Curitiba/PR)	novembro de 2021
28. Organização e publicação dos Anais do III Seminário da Equipe de Pesquisa	dezembro de 2021
29. Organização e produção de Coletânea com síntese dos resultados da pesquisa	agosto de 2020 a janeiro de 2021
30. Redação e Submissão de artigos para Revistas de Qualis A1 e A2, com base nas atividades de extensão	janeiro e fevereiro de 2021

10. Descrição da equipe de pesquisa e das suas atividades previstas

I) Prof. Dr. Luís Antonio Groppo (UNIFAL-MG) – coordenador

Professor Adjunto, Nível 1da UNIFAL-MG, desde 2013. Pró-reitor Adjunto de Pesquisa e Pós-Graduação e Coordenador de Pesquisa da UNIFAL-MG. Docente do Programa de Mestrado em Educação e Coordenador do Projeto de Extensão Grupo de Estudos sobre a Juventude de Alfenas, da UNIFAL-MG. Bolsista Produtividade Nível 2 em Educação do CNPq, desenvolvendo atualmente a pesquisa “A dimensão educativa das organizações juvenis”. Doutor em Ciências Sociais e Mestre em Sociologia pela Unicamp. Vice-coordenador do GT 03 (Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos) da ANPED (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação) no atual biênio (2017-2019). Bacharel em Ciências Sociais pela USP.

Atividades: Coordenação geral das etapas 1 a 30 descritas no item anterior; orientação de bolsistas de Iniciação Científica (IC) e de Iniciação à Extensão na UNIFAL-MG

II) Profa. Dra. Maria Carla Corrochano (UFSCar-campus Sorocaba)

Professora Adjunta III do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGed-So) da Universidade Federal de São Carlos/ Campus Sorocaba. Graduada em Ciências Sociais (1996) e mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (2001). Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (2008), com um período de estudos realizado junto aos Laboratórios GTM e ULISS, vinculados ao CNRS, Paris. Integra a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), coordenando o GT03 - Movimentos Sociais, sujeitos e processos educativos no atual biênio (2017-2019). Foi assessora do Programa Juventude da Ação Educativa - Assessoria, Pesquisa e Informação e consultora da OIT para a elaboração da Agenda Nacional do Trabalho Decente para a Juventude. Foi Chefe do Departamento de Ciências Humanas e Educação/ CCHB/ UFSCar entre os anos de 2013 e 2017. Desenvolve pesquisas em Sociologia da Educação, Sociologia da Juventude e Sociologia do Trabalho e da Vida Econômica. Publicou artigo e capítulo da coletânea *O movimento das ocupações estudantis no Brasil*, sobre as ocupações secundaristas de São Paulo, junto com Ana Paula Corti (membro da equipe) e José Alves.

Participação nas etapas: 1 (Pesquisa bibliográfica), 2 (Levantamento de dados), 3 (Levantamento de prováveis ocupas para as entrevistas em Sorocaba/SP), 4 (Seleção de bolsista de Iniciação Científica do Sudeste), 5 (Preparação da equipe para entrevistas em Sorocaba/SP), 9 (Realização do I Seminário da Equipe de pesquisa), 11 (Redação e submissão de artigos para revistas com base na pesquisa bibliográfica), 19 (Redação de artigos com base nas entrevistas), 27 (Realização do III Seminário da Equipe de Pesquisa) e 29 (Organização de Coletânea com síntese dos resultados da pesquisa).

III) *Prof. Dra. Kimi Aparecida Tomikazi (USP)*

Professora de sociologia na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, junto ao Departamento de Filosofia e Ciências da Educação (EDF) e ao Programa de Pós-graduação em Educação. A pesquisadora tem se dedicado a dois eixos de investigação: (i) pesquisa e análise de processos intergeracionais de transmissão e assimilação de percepções, valores, condutas e comportamentos a respeito da escola, trabalho e política; (ii) a compreensão de processos de socialização política, politização e engajamento militante.

Participação nas etapas: : Orientação de Bolsista de Iniciação Científica para atuar na equipe para entrevistas em São Paulo/SP. Participação nas atividades: 1 (Pesquisa bibliográfica), 2 (Levantamento de dados), 3 (Levantamento de prováveis ocupas para as entrevistas em São Paulo/SP), 4 (Seleção de bolsista de Iniciação Científica do Sudeste), 5 (Preparação da equipe para entrevistas em São Paulo/SP), 9 (Realização do I Seminário da Equipe de pesquisa), 11 (Redação e submissão de artigos para revistas com base na pesquisa bibliográfica), 12 (Seleção de Bolsistas de Iniciação Científicanas instituições do Sul e Goiás), 13 (Preparação da equipe para as entrevistas nas instituições do Sul e Goiás), 14 (Realização das entrevistas para as entrevistas do Sul e Goiás), 19 (Redação de artigos com base nas entrevistas).

IV) *Prof. Dr. Flávio Munhoz Sofiati (UFG)*

Professor adjunto de sociologia da UFG - Universidade Federal de Goiás, na Faculdade de Ciências Sociais. Atua no Curso de Especialização em Políticas Públicas e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia Social. Tem doutorado em Sociologia pela USP - Universidade de São Paulo, com bolsa da FAPESP (2009). Fez estágio na EHESS - École de Hautes Études en Sciences Sociales (França) em 2007/2008 com bolsa-sanduíche da CAPES. Tem Graduação em Ciências Sociais pela UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, com bolsa da CAPES - PET (2001) e Mestrado em Ciências Sociais pela UFSCar - Universidade Federal de São Carlos (2004). Realiza atualmente Estágio de Pós-Doutoramento na EHESS (França). Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Teoria Sociológica Clássica, Sociologia da Religião e Sociologia da Juventude, atuando principalmente nos seguintes temas: Juventude e Religião, Catolicismo Contemporâneo, Movimento Carismático, Teologia da Libertação.

Orientação de bolsista de Iniciação científica para entrevistas em Goiás. Participação nas etapas: Participação nas atividades 9 (I Seminário da Equipe de Pesquisa), 2 (Seleção de Bolsistas), 13 (Treinamento da equipe para as entrevistas), 14 (Realização das entrevistas em Goiás), 15 (Planejamento e organização do II Seminário da Equipe de Pesquisa, a se realizar na UFG), 16 (Transcrição das entrevistas em Goiás), 17 (Realização do II Seminário da Equipe de Pesquisa, na UFG), 18 (Organização e publicação dos Anais do II Seminário da Equipe de Pesquisa) e 19 (Redação de artigos com base nas Entrevistas).

V) Ana Paula de Oliveira Corti (IFSP)

Graduada e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos e doutora em Educação pela USP. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), campus São Paulo, lecionando no Ensino Médio e no Ensino Superior, em cursos de licenciatura e pós-graduação. Sua experiência de pesquisa concentra-se na área de Sociologia e Educação com ênfase nas seguintes temáticas: ensino médio, políticas educacionais e juventude.

Participação nas etapas: 1 (Pesquisa Bibliográfica), 3 (Levantamento de prováveis pessoas (“ocupas”) a entrevistar:), 6 (Realização das entrevistas em São Paulo), 8 (Transcrição das entrevistas de São Paulo).

VI) Profa. Dra. Adriana Alves Fernandes Costa (UFRRJ)

Pedagoga. Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, com realização de estágio na Universidade de Lisboa através do Programa Doutorado-sanduíche no Exterior (CAPES). É professora adjunta II na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Foi vice-coordenadora do curso de Licenciatura em Pedagogia (2014/2015) e coordenadora de área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (2014-2018). É pesquisadora líder do Grupo de Pesquisa Espaços de Saberes - GRUPES e também pesquisadora do GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada, UNICAMP. É membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, PPGEA/UFRRJ. Atua principalmente, em pesquisa e extensão, nos seguintes temas: Educação de Jovens e Adultos, trabalho coletivo, Narrativas, Escrita, e Desenvolvimento Profissional Docente.

Participação nas etapas: 1 (Pesquisa bibliográfica), 2 (Levantamento de dados), 17 (Realização do II Seminário da Equipe de Pesquisa), 18 (Organização e publicação dos Anais do II Seminário da Equipe de Pesquisa).

VII) Profa. Dra. Livia de Cássia Godoi Morais (UFES)

Professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordena o Grupo de Pesquisa Trabalho e Práxis, registrado no diretório do CNPq. Bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Araraquara (2001), com bolsa PET/SISu; mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Marília (2007), com bolsa CNPq; e doutora em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (2013), com bolsa Capes. Pós-doutorada em Política Social pelo Programa de Pós-graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo, com bolsa PNPd/Capes. É membro da Comissão Organizadora dos Encontros Internacionais e Nacionais de Política Social, promovidos pelo PPGPS/UFES, desde 2014, e foi Presidenta da edição de 2018. Foi Coordenadora do PIBID - Ciências Sociais/UFES 2017/2018. Tem publicações e experiência profissional na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia do Trabalho, atuando principalmente nos seguintes temas:

transformações no mundo do trabalho, trabalho e educação, trabalho e financeirização e divisão sexual do trabalho. Ao lado de Aline Fae Stoco, escreveu capítulo sobre o movimento das ocupações no Espírito Santo para o livro *O movimento das ocupações estudantis no Brasil*. Sua contribuição será fundamental para a realização das entrevistas no Espírito Santo, bem como para a análise da relação entre as ocupações e as políticas educacionais.

Participação nas etapas: Orientação de bolsista de Iniciação Científica para entrevistas no Espírito Santo; Participação nas atividades: 1 (Pesquisa Bibliográfica), 2 (Levantamento de Dados), 3 (Levantamento de prováveis pessoas (“ocupas”) a entrevistar no Espírito Santo), 9 (Realização do I Seminário da Equipe de Pesquisa (UNIFAL-MG), 11 (Redação e Submissão de artigos com base na Pesquisa Bibliográfica).

VIII) Prof. Dr. Ronaldo Marcos de Lima Araújo (UFPA)

Bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq, Nível 2. Pedagogo, especialista em docência do ensino superior pela UFPA, Mestre em História e Filosofia da Educação pela PUC-SP, Doutor em Educação pela UFMG, com Pós-Doutoramento no PPFH-UERJ. Atualmente é Professor Titular do Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Educação Básica da UFPA. Na UFPA coordena o GEPTE - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação. Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA em três gestões e o Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica, sendo eleito vice-coordenador do Fórum Nacional de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Educação, Coordenador do GT de Trabalho e Educação da ANPEd, Diretor de Qualificação da Escola de Governo do Pará, Diretor de Ensino Médio e Educação Profissional da Secretaria de Educação do Pará, membro do Conselho Estadual de Educação e membro da Comissão da Área de Educação junto a CAPES. Atualmente é Diretor-Geral do Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Educação Básica. Sua participação será fundamental para a investigação no Pará, com entrevistas de ocupas deste Estado, além de contribuir com as análises das entrevistas e dos dados levantados.

Participação nas etapas: Orientação de Iniciação Científica; 1 (Pesquisa Bibliográfica), 2 (Levantamento de dados), 3 (Seleção de ocupas para entrevistar no Pará), 5 (Preparação da equipe para entrevistas no Pará), 6 (Realização das entrevistas no Pará), 8 (Transcrição das entrevistas no Pará), 15 (Organização do II Seminário da Equipe de Pesquisa), 17 (Realização do II Seminário da Equipe de Pesquisa), 19 (Redação de artigos com base nas entrevistas).

IX) Profa. Dra. Simone Fátima Flach(UEPG)

Possui graduação em Direito pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1991), graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1997), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2005), doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (2010) e realizou Estágio pós-doutoral na Universidade Tuiuti do Paraná (2017). É docente do ensino superior na Universidade Estadual de Ponta Grossa na área de Política Educacional, atuando na graduação e pós-graduação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Política e Gestão da Educação. Discute e pesquisa os seguintes temas: política, gestão e financiamento da educação, políticas para a educação básica e direito à educação. Junto com Anita

Helena Schelesener, outra integrante da equipe de pesquisa, publicou artigo e capítulo na coletânea *O movimento das ocupações estudantis* sobre as ocupações no Paraná. Sua participação será importante para mediar os contatos e entrevistas com ocupas do Paraná, bem como com as análises – no tocante à relação entre as ocupações e as políticas educacionais – e, enfim, com as atividades de extensão no Paraná.

Participação nas etapas: Orientação de Iniciação Científica e de Iniciação à Extensão na UEPG. Participação nas atividades: 12 (Seleção de bolsistas no Sul), 13 (Preparação da equipe para entrevistas no Paraná), 14 (Realização das entrevistas no Paraná), 17 (II Seminário da Equipe de Pesquisa). Organização de atividades de extensão em Ponta Grossa/PR, a partir do possível envolvimento de ocupas secundaristas que, hoje, são estudantes da UEPG: atividades 21 (Preparação da equipe de extensão), 22 (Planejamento e organização de atividades de extensão em Ponta Grossa/PR), 23 (Atividades de extensão em escolas de Ensino Médio em Ponta Grossa/PR), 30 (Redação de artigos com base nas atividades de extensão).

X) Profa. Dra. Anita Helena Schelesener (UTP)

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (1975), mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1983) e doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná (2001), com um ano de pesquisa na Università degli Studi di Milano e Fondazione Feltrinelli. Desde a década de 1980 dedica-se ao estudo dos escritos de Antonio Gramsci. Paralelamente tem pesquisado, desde 1992, a filosofia de Walter Benjamin. Recebeu o Prêmio Jabuti em 2001. Docente de Filosofia da UFPR de 1976 a 2005, nas disciplinas de Filosofia Política e Estética. Atualmente é professora da Universidade Tuiuti do Paraná, atuando junto ao Mestrado e Doutorado em Educação. Membro do NESEF - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino da Filosofia - UFPR. Editora da Revista: Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional. Membro do Conselho Nacional da International Gramsci Society - IGS-Brasil. Membro dos Conselhos Editoriais das Revistas: Crítica Marxista e Germinal. Junto com Simone Fátima Flach, outra integrante da equipe de pesquisa, publicou artigo e capítulo na coletânea *O movimento das ocupações estudantis* sobre as ocupações no Paraná. Sua participação será importante para mediar os contatos e entrevistas com ocupas do Paraná, bem como com as análises – no tocante à relação entre as ocupações e as políticas educacionais – e, enfim, com as atividades de extensão no Paraná.

Orientação de bolsista de Iniciação à Extensão na UTP. Participação nas etapas: 12 (Seleção de bolsistas no Sul), 13 (Preparação da equipe para entrevistas no Paraná), 14 (Realização das entrevistas no Paraná), 17 (II Seminário da Equipe de Pesquisa). Organização de atividades de extensão em Curitiba/PR, a partir do possível envolvimento de ocupas secundaristas que, hoje, são estudantes da UTP: 21 (Preparação da equipe de extensão), 22 (Planejamento e organização de atividades de extensão em Curitiba/PR), 23 (Atividades de extensão em escolas de Ensino Médio em Curitiba/PR), 30 (Redação de artigos com base nas atividades de extensão).

XI) Profa. Dra. Flávia Alves de Sousa (UERJ)

Professora adjunta da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, no Departamento de Educação. Possui doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Educação Brasileira pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará - UFC. Graduada em Pedagogia - UFC. Tem estudos na área de infância e juventude, na perspectiva da sociologia e antropologia da educação, discutindo, principalmente, identidade e diferença, infâncias e práticas escolares, sociabilidade juvenis, educação indígena. Já atuou lecionando várias disciplinas no âmbito da educação infantil e estágio supervisionado nos cursos de graduação em Pedagogia. Sua contribuição principal será mediar os contatos com “ocupas” do Ceará, e participar da realização dessas entrevistas e suas análises.

Participação nas etapas: 2 (Levantamento de ocupas para entrevistar no Ceará), 6 (Realização das entrevistas no Ceará), 9 (Participação no I Seminário da Equipe de Pesquisa (UNIFAL-MG), 19 (Redação de artigos com base nas entrevistas).

XII) Prof. Dr. Willian Simões (UFFS)

Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (2015). Atualmente é professor da Área de Ensino de Geografia na Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus de Chapecó. Atuou como coordenador do referido curso (2013). Coordenou o Curso de Especialização em Educação do Campo com ênfase em estudos da Realidade Brasileira (2015-2017). Foi membro da Coordenação da Educação do Campo na Secretaria de Estado da Educação do Paraná (2005-2010). Desde 2011 faz parte do Coletivo de Estudos sobre conflitos pelo Território e pela terra - ENCONTTRA e do Núcleo de Estudos Território, Ambiente e Paisagem (atual). Coordena o Observatório das Juventudes Catarinenses, criado no início de 2018, envolvendo a UFFS e movimentos juvenis do interior de Santa Catarina. Entre os temas que pesquisa, encontram-se Juventude Rural e Educação do Campo.

Participação nas etapas: 2 (Levantamento de dados), 3 (Levantamento de ocupas para entrevistar em Santa Catarina), 5 (Preparação da equipe para entrevistas em Santa Catarina), 6 (Realização das entrevistas em Santa Catarina), 19 (Redação de artigos com base nas entrevistas), 27 (Realização do III Seminário da equipe de pesquisa).

XIII) Prof. Dr. Rodrigo Manoel Dias da Silva (UNISINOS)

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2012). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2008). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (2005). Atualmente é professor da Escola de Humanidades e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, onde orienta mestrado e doutorado na linha de pesquisa "Educação, História e Políticas". Foi professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (2010-2016) e da rede pública de educação no Estado do Rio Grande do Sul (2000-2010). É parecerista ad hoc de periódicos nacionais e internacionais. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociologia da Educação (Unisinos, CNPQ). Atua principalmente nos seguintes temas: políticas educacionais, escolarização,

experiências sociais, cidadania e educação patrimonial. Contribuirá com a pesquisa na análise das relações entre o movimento das ocupações e políticas educacionais, em especial no Rio Grande do Sul, além de contatos de “ocupas” para as entrevistas nesse estado.

Orientação de bolsista de IC; Participação nas etapas: 2 (Levantamento de dados), 3 (Levantamento de ocupas para entrevistar no Rio Grande do Sul), 10. Organização e publicação dos Anais do I Seminário da Equipe de Pesquisa; 11 (Redação e Submissão de artigos para Revistas com base na Pesquisa Bibliográfica), 12 (Seleção de Bolsistas de Iniciação Científica nas instituições do Sul), 13 (Preparação da equipe para as entrevistas nas instituições do Sul e Goiás), 14 (Realização das entrevistas para as entrevistas do Sul), 16 (Transcrição das entrevistas para as entrevistas do Sul), 18 (Organização e publicação dos Anais do II Seminário da Equipe de Pesquisa), 19 (Redação e Submissão de artigos com base nas Entrevistas), 25 (Criação de produtos de divulgação científica), 28 (Organização e publicação dos Anais do III Seminário da Equipe de Pesquisa), 29 (Organização e produção de Coletânea com síntese dos resultados da pesquisa).

XIV) Profª. Ms. Vanessa Aparecida Araújo Correia (FAJE)

Mestre em Estudos Culturais, pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo/USP. Possui graduação em Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo, pela Universidade de Santo Amaro/ UNISA (2007) e especialização em Juventude no Mundo Contemporâneo, pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia/FAJE (2011). É coordenadora acadêmica e docente da Especialização Lato Sensu em Juventude no mundo contemporâneo, pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Por meio deste curso, tem contato com movimentos, organizações e sujeitos que atuam no campo das juventudes no Brasil, podendo colaborar com o levantamento de dados e de ocupas para as entrevistas.

Participação nas etapas 1 (Pesquisa bibliográfica), 2 (Levantamento de dados), 3 (Levantamento de ocupas para as entrevistas), 19 (Redação e submissão de artigos com base nas entrevistas), 26 (Planejamento e organização do I Seminário da equipe de pesquisa) e 27 (Realização do I Seminário da Equipe de Pesquisa),

XV) Prof. Dr. André Sena Mariano (UNIFAL-MG)

Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Campus de Araraquara), Mestre e Doutor em Educação (na Área de Concentração em Metodologia de Ensino), ambos pela Universidade Federal de São Carlos. Atualmente, é Professor Adjunto do Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL/MG). É Pesquisador Associado ao GEPCIE - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura e Instituições Educacionais, sediado na Unesp/Araraquara (e onde realizou estágio de pós-doutoramento na área de História da Educação) e lidera, na UNIFAL-MG, o Grupo de Pesquisa “Educação, Sociedade e Teorias Pedagógicas”. É cadastrado junto à Rede Latinoamericana de Estudos sobre Trabalho Docente (RED ESTRADO). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Sociologia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: professor iniciante, formação de professores, trabalho docente, relações de gênero, currículo e cultura escolar. Contribuirá com a pesquisa especialmente

nas reflexões e análises sobre as relações entre estudantes secundaristas que foram “ocupas” e o corpo docente e gestor das escolas, bem como sobre questões relativas às relações de gênero suscitadas pelas ocupações.

Orientação de bolsista de IC. Participação nas etapas 4 (Seleção de Bolsistas de para as entrevistas, 5 (Preparação da equipe para as entrevistas do Sudeste, Pará e Ceará), 7 (Planejamento e organização do I Seminário da Equipe de Pesquisa (UNIFAL-MG), 9 (Participação no I Seminário da Equipe de Pesquisa (UNIFAL-MG), 9. Realização do I Seminário da Equipe de Pesquisa (UNIFAL-MG), 10 (Organização e publicação dos Anais do I Seminário da Equipe de Pesquisa), 11 (Redação e Submissão de artigos com base na Pesquisa Bibliográfica), 22 (Planejamento de atividades de extensão no Sul de Minas Gerais), 23 (Atividades de extensão em escolas de Ensino Médio no Sul de Minas Gerais), 24 (Realização de eventos de extensão na UNIFAL-MG), 25 (Criação de produtos de divulgação científica) e 30 (Redação e Submissão de artigos com base nas atividades de extensão).

XVI) Prof. Dr. Natalino Neves da Silva (UNIFAL-MG)

Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor e mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É professor Adjunto do Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), Departamento Ciências Humanas (DCH), da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Atua nos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação (PPGE/UNIFAL-MG) e Pós-Graduação Stricto Sensu Profissional em Educação e Docência, PROMESTRE (FaE/UFMG). Pesquisa na área de Educação, com ênfase em Sociologia da Educação. Tem estudado marcadores sociais da diversidade étnico-racial e formação de professores, além de temas relacionados à: educação e cultura, relações étnico-raciais e educação, juventude negra, educação de jovens e adultos, ensino médio, movimentos sociais e educação. Contribuirá com a pesquisa especialmente nas reflexões e análises sobre as relações entre estudantes secundaristas que foram “ocupas” e o corpo docente e gestor das escolas, bem como sobre questões relativas às relações étnico-raciais suscitadas pelas ocupações.

Atividades: Participação nas etapas: 1 (Pesquisa Bibliográfica), 4 (Seleção de Bolsistas de para as entrevistas, 5 (Preparação da equipe para as entrevistas do Sudeste, Pará e Ceará), 6 (Realização das entrevistas do Sudeste, Pará e Ceará), 7 (Planejamento e organização do I Seminário da Equipe de Pesquisa (UNIFAL-MG), 9 (Participação no I Seminário da Equipe de Pesquisa (UNIFAL-MG), 11 (Redação de artigos para Revistas, com base na Pesquisa Bibliográfica) e 22 (Planejamento de atividades de extensão no Sul de Minas Gerais).

XVII) Prof. Dr. Elias Evangelista Gomes (UNIFAL-MG)

Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor e mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). É professor e foi coordenador do curso de Ciências Sociais do Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Coordena o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Pesquisa as práticas de socialização contemporâneas, na interface entre sociologia da educação e sociologia da cultura. Tem estudando aspectos relacionados aos marcadores sociais da diferença e às Tecnologias da Informação e da Comunicação. Está coordenador de Cultura do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas Brasileiras (Forproex) e de Arte e Cultura da Pró-Reitoria de Extensão da UNIFAL-MG (2016-2018). Contribuirá com a pesquisa especialmente nas reflexões e análises as relações entre juventude e escola, bem como sobre o uso das Tecnologias de Comunicação e Informação pelo movimento das ocupações. Também, contribuirá com a organização e realização de atividades de extensão na UNIFAL-MG.

Atividades: Participação nas Atividades: 1 (Pesquisa Bibliográfica), 2 (Levantamento de Dados), 3 (Levantamento de prováveis pessoas (“ocupas”) a entrevistar), 4 (Seleção de Bolsistas na UNIFAL-MG), 5 (Preparação da equipe para as entrevistas em Minas Gerais), 6 (Realização das entrevistas no Sudeste), 9 (Participação no I Seminário da Equipe de Pesquisa (UNIFAL-MG), 10 (Organização e publicação dos Anais do I Seminário da Equipe de Pesquisa), 11 (Redação de artigos, com base na Pesquisa Bibliográfica), 22 (Planejamento de atividades de extensão no Sul de Minas Gerais).

XVIII) Prof. Dr. Gleyton Carlos da Silva Trindade

Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professor Adjunto da Universidade Federal de Alfenas (MG). Possui graduação/Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais pela UFMG(1999) e mestrado em Ciência Política pela UFMG (2003). É pesquisador do CERBRAS (Centro de Estudos Republicanos Brasileiros da UFMG), atuando principalmente nos seguintes temas: teoria política e pensamento político brasileiro, participação política, esquerdas e marxismo. Coordenou o projeto de extensão financiado com recursos do PROEXT-MEC “Curso de Realidade Brasileira Sul de Minas”, em 2013-2015, envolvendo militantes de movimentos sociais e sindicatos.

Participação nas etapas: 1 (Pesquisa Bibliográfica), 2 (Levantamento de dados), 4 (Seleção de bolsistas de IC), 5 (Preparação da equipe para entrevistas), 7 (Organização e Planejamento do I Seminário da Equipe de Pesquisa), 9 (Realização do I Seminário da equipe de pesquisa), 10 (Organização dos Anais do I Seminário), 15 (Planejamento e organização do II Seminário da Equipe de Pesquisa (UFG), 17 (Realização do II Seminário da Equipe de Pesquisa (UFG), 18 (Organização e publicação dos Anais do II Seminário da Equipe de Pesquisa), 19 (Redação e Submissão de artigos com base nas Entrevistas), 20 (Seleção de bolsistas de Iniciação à Extensão), 21 (Preparação da equipe de Extensão), 22 (Planejamento e organização de atividades de extensão na UNIFAL-MG), 23 (Atividades de extensão em escolas de Ensino Médio no Sul de Minas Gerais), 24

(Realização de eventos de extensão na UNIFAL-MG), 25 (Criação de produtos de divulgação científica).

XIX) Profa. Dra. Jane Barros Almeida (UFSCar – campus Sorocaba)

Pós-Doutoranda na UFSCar-campus Sorocaba, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Francisco Martins, com quem escreveu capítulo de livro sobre o Paraná em *O movimento das ocupações estudantis no Brasil*. Professora Adjunta Substituta da Unifesp (campus baixada Santista). Doutora em Sociologia pela Unicamp (2014), Mestre em Educação, na área de Trabalho e Educação, pela Universidade Federal Fluminense (2007) e graduação em Ciências Sociais pela Unicamp (2004).

Participação nas etapas: 2 (Levantamento de dados), 3 (Levantamento de prováveis ocupas para as entrevistas em Sorocaba e no Paraná), 4 (Seleção de bolsista de Iniciação Científica do Sudeste), 5 (Preparação da equipe para entrevistas em Sorocaba/SP), 9 (Realização do I Seminário da Equipe de pesquisa), 9 (Redação de artigos com base nas entrevistas) e 27 (Realização do III Seminário da Equipe de Pesquisa).

XX) Flávia Ginzel

Doutoranda em Educação na Universidade de São Paulo (USP), sob orientação de membro da equipe, Profa. Dra. Kimi Tomizaki, com projeto de pesquisa sobre as ocupações secundaristas em Sorocaba/SP –município que também é objeto da presente pesquisa. É graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e mestra em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar-campus Sorocaba), tendo sido orientada pelo membro da equipe, Profa. Dra. Maria Carla Corrochano. Atualmente, é integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gerações, Percursos de vida e Processos Educativos (NEPEGE) da Universidade Federal de São Carlos e do grupo de pesquisa Juventude e práticas educativas em Educação de Jovens e Adultos, da USP. É uma das pesquisadoras no projeto "O campo de estudos de Juventude no Brasil e suas interfaces com a educação e o trabalho: balanço e perspectivas da produção acadêmica (2007-2016)", coordenada por Maria Carla Corrochano.

Participação nas etapas: 1 (Pesquisa Bibliográfica), 2 (Levantamento de Dados), 3 (Levantamento de prováveis pessoas (“ocupas”) a entrevistar em Sorocaba/SP), 5 (Preparação da equipe para as entrevistas em Sorocaba e São Paulo), 6 (Realização das entrevistas em Sorocaba), 8 (Transcrição das entrevistas do Sudeste), 9 (Realização do I Seminário da Equipe de Pesquisa (UNIFAL-MG) e 18 (Redação de artigos com base nas entrevistas).

XXI) Ms. Aldimara Catarina Brito Delabona Boutin (UEPG)

Doutoranda em Educação na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), sob orientação de membro da equipe, Profa. Dra. Simone Flach, com pesquisa sobre a correlação de forças entre a Unesco e o Movimento Estudantil, materializada na Reforma do Ensino Médio. Mestre em Educação e Graduada em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Membro do Grupo de Pesquisa Capital, Trabalho, Estado e Educação: Políticas Educacionais e Formação de Professores. Suas pesquisas concentram-se na linha de História da Educação e Política Educacional, com ênfase em Movimento Estudantil.

Participação nas etapas: 12 (Seleção de bolsistas no Sul), 13 (Preparação da equipe para entrevistas no Paraná), 14 (Realização das entrevistas no Paraná), 17 (II Seminário da Equipe de Pesquisa) e 18 (Redação de artigos com base nas entrevistas).

XXII) Ms. Scarlett Giovana Borges (UNISINOS)

Mestre em Educação pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), com dissertação defendida em 2018, orientada pelo membro da equipe, Prof. Dr. Rodrigo Manoel Dias da Silva, sobre as ocupações secundaristas em Caxias do Sul/RS. Sua dissertação realizou interessante pesquisa bibliográfica sobre ocupações estudantis, além de estabelecer importantes contatos para futuras entrevistas.

Participação nas etapas: 2 (Levantamento de dados), 3 (Levantamento de ocupas para entrevistar no Rio Grande do Sul), 10. Organização e publicação dos Anais do I Seminário da Equipe de Pesquisa; 11 (Redação e Submissão de artigos para Revistas com base na Pesquisa Bibliográfica), 12 (Seleção de Bolsistas de Iniciação Científica nas instituições do Sul), 13 (Preparação da equipe para as entrevistas nas instituições do Sul e Goiás), 14 (Realização das entrevistas para as entrevistas do Sul), 16 (Transcrição das entrevistas para as entrevistas do Sul), 18 (Organização e publicação dos Anais do II Seminário da Equipe de Pesquisa), 19 (Redação e Submissão de artigos com base nas Entrevistas), 25 (Criação de produtos de divulgação científica), 28 (Organização e publicação dos Anais do III Seminário da Equipe de Pesquisa), 29 (Organização e produção de Coletânea com síntese dos resultados da pesquisa).

XXIII) Mara Aline Oliveira (UNIFAL-MG)

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alfenas, com dissertação sobre a experiência da ocupação por estudantes secundaristas de Poços de Caldas/MG, a ser desenvolvida em 2018 e 2019. Membro do Grupo de Estudos sobre a Juventude de Alfenas, projeto de extensão da UNIFAL-MG. Advogada do Sindicato dos Professores do Estado de Minas Gerais, atuou na defesa de estudantes e docentes durante o movimento de ocupações de 2016, com extensa rede de contatos de militantes e “ocupas” que estiveram envolvidos nesta ação coletiva.

Participação nas etapas: 1 (Pesquisa bibliográfica), 2 (Levantamento de dados), 3 (Levantamento de “ocupas” para entrevistar em Minas Gerais), 5 (Preparação da equipe para a entrevista em Minas Gerais), 6 (Realização de entrevistas em Minas Gerais), 7 (Planejamento e organização do I Seminário da equipe de Pesquisa, na UNIFAL-MG), 8 (Transcrição das entrevistas), 9 (Realização do I Seminário da equipe de pesquisa), 11 (Redação e submissão de artigos com base na pesquisa bibliográfica).

11. Plano de Trabalho para Bolsistas

Bolsista 1 de IC (Iniciação Científica) na UNIFAL-MG:

Perfil: Estudante de Pedagogia ou Ciências Sociais, cursando a partir do 3º semestre, da UNIFAL-MG.

Atividades: Participação na Preparação da equipe de entrevistas (etapa 5 do item 9), Realização das entrevistas em Minas Gerais (etapa 6), Transcrição das entrevistas do Sudeste, Pará e Ceará (etapas 7), Participação no I Seminário da Equipe de Pesquisa (etapa 9) e Redação de artigos com base na pesquisa bibliográfica (etapa 11).

Período: 12 meses (março de 2019 a fevereiro de 2020).

Bolsista de IC em São Paulo/SP:

Perfil: Estudante de Pedagogia ou Ciências Sociais, cursando a partir do 3º semestre, da USP.

Atividades: Participação na Preparação da equipe de entrevistas (etapa 5 do item 9), Realização das entrevistas em São Paulo/SP e Diadema/SP (etapa 6), Transcrição das entrevistas do Sudeste, Pará e Ceará (etapa 7), Participação no I Seminário da Equipe de Pesquisa (etapa 9) e Redação de artigos com base na pesquisa bibliográfica (etapa 11).

Período: 12 meses (março de 2019 a fevereiro de 2020).

Bolsista de IC no Espírito Santo:

Perfil: Estudante de Pedagogia ou Ciências Sociais, cursando a partir do 3º semestre, na UFES.

Atividades: Participação na Preparação da equipe de entrevistas (etapa 5 do item 9), Realização das entrevistas em Sorocaba/SP (etapa 6), Transcrição das entrevistas do Sudeste, Pará e Ceará (etapa 7), Participação no I Seminário da Equipe de Pesquisa (etapa 9) e Redação de artigos com base na pesquisa bibliográfica (etapa 11).

Período: 12 meses (março de 2019 a fevereiro de 2020).

Bolsista de IC no Pará:

Perfil: Estudante de Pedagogia ou Ciências Sociais, cursando a partir do 3º semestre, na UFPA.

Atividades: Participação na Preparação da equipe de entrevistas (etapa 5 do item 9), Realização das entrevistas no Pará (etapa 6), Transcrição das entrevistas do Sudeste, Pará e Ceará (etapa 7), Participação no I Seminário da Equipe de Pesquisa (etapa 9) e Redação de artigos com base na pesquisa bibliográfica (etapa 11).

Período: 6 meses (abril de 2019 a setembro de 2020).

Bolsista 2 de IC na UNIFAL-MG

Perfil: Estudante de Pedagogia ou Ciências Sociais, cursando a partir do 3º semestre, da UNIFAL-MG.

Atividades: Participação na Preparação da equipe de entrevistas (21), Realização das entrevistas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina (14), Transcrição das entrevistas do Sul e Goiás (15), Participação no II Seminário da Equipe de Pesquisa (17) e Redação de artigos com base nas entrevistas (etapa 19).

Período: 12 meses (março de 2020 a fevereiro de 2021).

Bolsista de IC em Goiás

Perfil: Estudante de Pedagogia ou Ciências Sociais, cursando a partir do 3º semestre, da UFG.

Atividades: Participação na Preparação da equipe de entrevistas (21), Realização das entrevistas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina (14), Transcrição das entrevistas do Sul e Goiás (15), Planejamento e organização do II Seminário da Equipe de Pesquisa (16) Participação no II Seminário da Equipe de Pesquisa (17) e Redação de artigos com base nas entrevistas (etapa 19).

Período: 12 meses (março de 2020 a fevereiro de 2021).

Bolsista de IC no Paraná

Perfil: Estudante de Pedagogia ou Ciências Sociais, cursando a partir do 3º semestre, da UEPG.

Atividades: Participação na Preparação da equipe de entrevistas (21), Realização das entrevistas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina (14), Transcrição das entrevistas do Sul e Goiás (15), Planejamento e organização do II Seminário da Equipe de Pesquisa (16) Participação no II Seminário da Equipe de Pesquisa (17) e Redação de artigos com base nas entrevistas (etapa 19).

Período: 12 meses (março de 2020 a fevereiro de 2021).

Bolsista de IC no Rio Grande do Sul

Perfil: Estudante de Pedagogia ou Ciências Sociais, cursando a partir do 3º semestre, da UNISINOS.

Atividades: Participação na Preparação da equipe de entrevistas (21), Realização das entrevistas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina (14), Transcrição das entrevistas do Sul e Goiás (15), Planejamento e organização do II Seminário da Equipe de Pesquisa (16) Participação no II Seminário da Equipe de Pesquisa (17) e Redação de artigos com base nas entrevistas (etapa 19).

Período: 12 meses (abril de 2020 a setembro de 2021).

Bolsista 1 de Iniciação à Extensão no Paraná

Perfil: Estudante de Pedagogia, Ciências Sociais ou de outras Licenciaturas, da UEPG, com interesse em participar de atividades de extensão.

Atividades: Participação na Preparação da equipe de Extensão (21), Planejamento e organização de atividades de extensão em Ponta Grossa (22), Atividades de extensão em escolas de Ensino Médio em Ponta Grossa (23), eventos de extensão no Paraná (24), criação de produtos de divulgação científica (25) e Redação de artigos com base nas atividades de extensão (30).

Período: 12 meses (março de 2021 a fevereiro de 2022).

Bolsista 2 de Iniciação à Extensão na Paraná

Perfil: Estudante de Pedagogia, Ciências Sociais ou de outras Licenciaturas, da UTP, com interesse em participar de atividades de extensão.

Atividades: Participação na Preparação da equipe de Extensão (21), Planejamento e organização de atividades de extensão em Curitiba (22), Atividades de extensão em escolas de Ensino Médio em Curitiba (23), eventos de extensão no Paraná (24), criação de produtos de divulgação científica (25) e Redação de artigos com base nas atividades de extensão (30).

Período: 12 meses (março de 2021 a fevereiro de 2022).

12. Orçamento detalhado

Considerando o valor máximo estipulado pela Chamada Universal MCTIC/CNPq 2018 para a **faixa C**, o custo total do projeto ora apresentado é de **R\$ 120.000,00**, conforme detalhamento a seguir:

Item	Descrição das Despesas	Quantidade	Custo estimado por unidade	Custo total por item
Bolsas de Iniciação Científica (IC)	2 bolsistas da UNIFAL-MG 1 bolsista da USP 1 bolsista da UFES 1 bolsista da UFG 1 bolsista da UEPG 1 bolsista da UNISINOS	7 bolsistas de IC	R\$ 4.800,00	R\$ 33.600,00
Bolsas de Iniciação à Extensão (IEx)	1 bolsista da UEPG 1 bolsista da UTP	2 bolsistas de IEx	R\$ 4.320,00	R\$ 8.640,00
Valor parcial (Bolsas)				R\$ 42.240,00
Custeio (passagens aéreas nacionais)	Trecho: Goiânia – Campinas – Goiânia (ida e volta)	1 passagem (ida e volta)	R\$ 520,00	R\$ 520,00
	Trecho: Campinas – Goiânia – Campinas (ida e volta)	2 passagens (ida e volta)	R\$ 520,00	R\$ 1.040,00
	Belo Horizonte – Varginha – Belo Horizonte (ida e volta)	1 passagem (ida e volta)	R\$ 420,00	R\$ 420,00
	Trecho: Campinas – Fortaleza – Campinas (ida e volta)	2 passagens (ida e volta)	R\$ 3.000,00	R\$ 6.000,00
	Trecho: Campinas – Belém – Campinas (ida e volta)	1 passagem (ida e volta)	R\$ 2.400,00	R\$ 2.400,00

Trecho: Rio de Janeiro – Fortaleza – Rio de Janeiro (ida e volta)	1 passagem (ida e volta)	R\$ 1.100,00	R\$ 1.100,00
Trecho: Campinas – Vitória – Campinas(ida e volta)	1 passagem (ida e volta)	R\$ 1.440,00	R\$ 1.440,00
Trecho: São Paulo – Goiânia – São Paulo (ida e volta)	1 passagem (ida e volta)	R\$ 680,00	R\$ 680,00
Trecho: Rio de Janeiro – Goiânia – Rio de Janeiro (ida e volta)	1 passagem (ida e volta)	R\$ 800,00	R\$ 800,00
Trecho: Belém – Goiânia – Belém (ida e volta)	1 passagem (ida e volta)	R\$ 600,00	R\$ 600,00
Trecho: Curitiba – Goiânia – Curitiba (ida e volta)	1 passagem (ida e volta)	R\$ 400,00	R\$ 400,00
Trecho: Campinas – Porto Alegre – Campinas (ida e volta)	2 passagens (ida e volta)	R\$ 2.140,00	R\$ 4.280,00
Trecho: Campinas – Curitiba – Campinas (ida e volta)	6 passagens (ida e volta)	R\$ 1.540,00	R\$ 9.240,00
Trecho: Campinas – Chapecó – Campinas (ida e volta)	1 passagem (ida e volta)	R\$ 1.200,00	R\$ 1.200,00
Trecho: São Paulo – Curitiba – São Paulo (ida e volta)	1 passagem (ida e volta)	R\$ 250,00	R\$ 250,00

	Trecho: Vitória – Curitiba – Vitória (ida e volta)	1 passagem (ida e volta)	R\$ 400,00	R\$ 400,00
	Trecho: Chapecó – Curitiba – Chapecó (ida e volta)	1 passagem (ida e volta)	R\$ 660,00	R\$ 660,00
	Trecho: Porto Alegre – Curitiba – Porto Alegre (ida e volta)	1 passagem (ida e volta)	R\$ 400,00	R\$ 400,00
Valor parcial (passagens aéreas)				<i>R\$ 31.830,00</i>
Custeio (Adiantamento de Diárias Valores baseados no Decreto nº 7.899, de 04/02/2013)	Adiantamento de diárias para participação de pesquisadores no I Seminário da Equipe de Pesquisa, em Alfenas/MG	12 diárias (Quatro pesquisadores / Três diárias)	R\$ 320,00	R\$ 3.840,00
	Adiantamento de diárias para participação de pesquisadores no II Seminário da Equipe de Pesquisa, em Goiânia/GO	15 diárias (Cinco pesquisadores / Três diárias)	R\$ 320,00	R\$ 4.800,00
	Adiantamento de diárias para participação de pesquisadores no III Seminário da Equipe de Pesquisa, em Curitiba/PR	12 diárias (Quatro pesquisadores / Três diárias)	R\$ 320,00	R\$ 3.840,00
	Adiantamento de diárias para equipe de entrevistas fazer trabalho de campo em Vitória/ES	4 diárias (Um pesquisador/ Três diárias)	R\$ 320,00	R\$ 1.280,00
	Adiantamento de diárias para equipe de entrevistas fazer trabalho de campo em São Paulo/SP	6 diárias (Dois pesquisadores/ Três diárias)	R\$ 320,00	R\$ 1.920,00
	Adiantamento de diárias para equipe de entrevistas fazer trabalho de campo em Sorocaba/SP	6 diárias (Dois pesquisadores/ Três diárias)	R\$ 320,00	R\$ 1.920,00
	Adiantamento de diárias para equipe de entrevistas fazer trabalho de campo em Fortaleza/CE	9 diárias (Três pesquisadores/ Três diárias)	R\$ 320,00	R\$ 2.880,00
	Adiantamento de diárias para equipe de entrevistas fazer trabalho de campo em Belém/PA	4 diárias (Um pesquisador/ Quatro diárias)	R\$ 320,00	R\$ 1.280,00

	Adiantamento de diárias para equipe de entrevistas fazer trabalho de campo em Caxias do Sul/RS	6 diárias (Dois pesquisadores/ Três diárias)	R\$ 320,00	R\$ 1.920,00
	Adiantamento de diárias para equipe de entrevistas fazer trabalho de campo em Chapecó/SC	4 diárias (Um pesquisador/ Quatro diárias)	R\$ 320,00	R\$ 1.280,00
	Adiantamento de diárias para equipe de entrevistas fazer trabalho de campo em Curitiba/PR	8 diárias (Dois pesquisadores/ Quatro diárias)	R\$ 320,00	R\$ 2.560,00
	Adiantamento de diárias para equipe de entrevistas fazer trabalho de campo em Ponta Grossa/PR	8 diárias (Dois pesquisadores/ Quatro diárias)	R\$ 320,00	R\$ 2.560,00
	Adiantamento de diárias para equipe de entrevistas fazer trabalho de campo em Goiânia/GO	6 diárias (Dois pesquisadores/ Três diárias)	R\$ 320,00	R\$ 1.920,00
	Adiantamento de diárias para equipe de extensão da UNIFAL-MG fazer atividades em Curitiba/PR	9 diárias (Três pesquisadores/ Três diárias)	R\$ 320,00	R\$ 2.880,00
	Adiantamento de diárias para equipe de extensão da UNIFAL-MG fazer atividades em Ponta Grossa/PR	9 diárias (Três pesquisadores/ Três diárias)	R\$ 320,00	R\$ 2.880,00
	Total parcial (118 diárias)			R\$ 37.760,00
Custeio (Serviços de terceiros)	Edição e publicação de livro (coletânea) com resultados principais da pesquisa: E-book e 50 exemplares com 200 páginas.	E-book e 100 exemplares com 200 páginas.	R\$ 8.170,00	R\$ 8.170,00
	Total parcial (serviços de terceiros)			R\$ 8.170,00
			TOTAL	R\$ 120.000,00

12.1 Justificativas para as despesas solicitadas

Bolsas de Iniciação Científica (IC)

As bolsas de Iniciação Científica para estudantes de graduação das instituições parceiras serão fundamentais para formar as equipes para entrevistas, que farão as entrevistas e as transcrições, bem

como participarão das análises dos dados (preferencialmente, participando de ao menos um dos Seminários da Equipe de pesquisa) e da criação de artigos e capítulos da coletânea.

É importante recordar que existe a possibilidade de a UNIFAL-MG, por meio dos Programas Institucionais de Iniciação Científica da qual participa, conceder mais bolsistas de IC, inclusive como contrapartida institucional.

O item 11 acima, “Plano de Trabalho para bolsistas”, detalha as atividades a serem realizadas pelos bolsistas de IC financiados por este projeto, bem como a distribuição no tempo e nas instituições. Vale a pena sintetizar dados que justificam-nas, em seus aspectos específicos:

Serão dois bolsistas da UNIFAL-MG. O primeiro, em 2019, contribuirá com as pesquisas no Sul de Minas e poderá participar das entrevistas no Ceará e Pará. O segundo, em 2020, contribuirá com as pesquisas no Sul e Goiás, podendo participar das entrevistas em estados do Sul e Goiás. Ambos serão fundamentais para as transcrições das entrevistas. Também colaborarão com a organização e a realização dos Seminários da Equipe de Pesquisa.

O bolsista da USP vai contribuir especialmente com as entrevistas na Grande São Paulo, bem como as transcrições, em 2019. O bolsista da UFES vai contribuir especialmente com as entrevistas no Espírito Santo, bem como as transcrições, em 2019. O bolsista da UFG vai contribuir especialmente com as entrevistas em Goiás, já em 2020, bem como as transcrições. O bolsista da UEPG vai contribuir especialmente com as entrevistas no Paraná, bem como as transcrições, em 2020. O bolsista da UNISINOS, ainda em 2020, vai contribuir com as entrevistas no Rio Grande do Sul, assim como suas transcrições.

Bolsas de Iniciação à Extensão (IEx)

As bolsas de Iniciação à Extensão para estudantes de graduação das instituições parceiras serão fundamentais para formar as equipes de extensão universitária, que vão conjugar pesquisa e extensão, por meio de atividades de divulgação científica em conjunto com atividades investigativas, por meio dos quais se conhecerá as interpretações de “ocupas” e atuais estudantes de Ensino Médio sobre o movimento das ocupações. Os bolsistas vão participar do planejamento, organização e realização das atividades de extensão, bem como da criação de artigos com as análises destas atividades de extensão.

É importante recordar que existe a possibilidade de a UNIFAL-MG, por meio de seu Programa Institucional de Bolsas de Extensão, conceder mais bolsistas de extensão, inclusive como contrapartida institucional.

O item 11 acima, “Plano de Trabalho para bolsistas”, detalha as atividades a serem realizadas pelos bolsistas de IC financiados por este projeto, detalha as atividades a serem realizadas pelos bolsistas de IC, bem como a distribuição no tempo e nas instituições.

Custeio

Passagens Aéreas Nacionais:

A pesquisa tem caráter nacional, envolve 22 pesquisadores de 13 diferentes IES, de 8 estados, abrangendo as regiões Sudeste, Sul, Norte e Centro-Oeste. Ela terá intensa troca entre a equipe por

meio das novas Tecnologias de Informação e Comunicação, mas prevê ao menos três momentos de encontros presenciais da equipe: os Seminários da Equipe de Pesquisa. As passagens aéreas podem garantir a presença de ao menos a maioria da equipe em cada um dos Seminários. Os Seminários serão momentos fundamentais de troca de dados e construção de análises e interpretações. Poderão ser fonte para a consolidação de rede de pesquisadores sobre as ações coletivas juvenis e dar origem a novas atividades acadêmicas, especialmente novas pesquisas sobre movimentos juvenis e estudantis. Como se pretende que parte importante das atividades dos Seminários sejam abertos ao público, serão momentos importantes de formação e comunicação científica aos estudantes e outros pesquisadores das instituições que acolherão os Seminários.

As passagens previstas para trazer pesquisadores aos Seminários são:

- a) Trecho: Goiânia – Campinas – Goiânia (ida e volta): 1 passagem (ida e volta) para Flávio Sofiati (UFG) participar do I Seminário;
- b) Trecho: Campinas – Goiânia – Campinas (ida e volta): 1 passagens (ida e volta) para Luís Groppo (UNIFAL-MG) participar do II Seminário;
- c) Trecho: Belo Horizonte – Varginha – Belo Horizonte (idade e volta): 1 passagem (ida e volta) para Vanessa Correia (FAJE) participar do I Seminário;
- d) Trecho: São Paulo – Goiânia – São Paulo (ida e volta), 1 passagem (ida e volta) para Kimi Tomizaki (USP) participar do II Seminário;
- e) Trecho: Rio de Janeiro – Goiânia – Rio de Janeiro (ida e volta): 1 passagem (ida e volta) para Adriana Alves (UFFRJ) participar do II Seminário;
- f) Trecho: Belém – Goiânia – Belém (ida e volta), 1 passagem (ida e volta) para Ronaldo Marcos de Lima Araújo (UFPA) participar do II Seminário;
- g) Trecho: Curitiba – Goiânia – Curitiba (ida e volta), 1 passagem (ida e volta) para pesquisadora da equipe no Paraná participar do II Seminário;
- h) Trecho: Campinas – Curitiba – Campinas (ida e volta), 1 passagem (ida e volta) para Luís Groppo participar do III Seminário;
- i) Trecho: São Paulo – Curitiba – São Paulo (ida e volta), 1 passagem (ida e volta) para Maria Carla Corrochano participar do III Seminário;
- j) Trecho: Vitória – Curitiba – Vitória (ida e volta), 1 passagem (ida e volta) para Livia de Cássia Godoi Moraes (UFES) participar do III Seminário;
- l) Trecho: Chapecó – Curitiba – Chapecó (ida e volta), 1 passagem (ida e volta) para Willian Simões (UFFS) participar do III Seminário;
- m) Trecho: Porto Alegre – Curitiba – Porto Alegre (ida e volta), 1 passagem (ida e volta) para Rodrigo Manoel Dias da Silva (UNISINOS) participar do III Seminário.

As passagens aéreas também permitirão que a equipe de entrevistas da UNIFAL-MG, formada pelo coordenador geral e bolsistas de IC, façam entrevistas nos Estados que são objeto da pesquisa, mas que não contam com bolsistas locais ou, como no caso do Ceará, não tenham equipe local. Também

serão importantes para que ao menos um membro da equipe de entrevistas da UNIFAL-MG conheça cada Estado e participe de ao menos algumas entrevistas. Em especial aos bolsistas, estudantes de graduação, esta forma presencial de entrevistas, em outras realidades dentro do país, constitui-se em elemento diferencial na sua formação como pesquisador. Ao coordenador da pesquisa, considera-se fundamental o contato face a face, ao menos em parte da pesquisa de campo, com as equipes locais e os sujeitos a serem pesquisados, em cada um dos Estados. No Ceará, as passagens aéreas serão cruciais para que as entrevistas aconteçam, já que não contamos com equipe local.

As passagens previstas para a equipe de entrevistas da UNIFAL-MG são:

- a) Trecho: Campinas – Goiânia – Campinas (ida e volta), 1 passagem (ida e volta);
- b) Trecho: Campinas – Fortaleza – Campinas (ida e volta), 2 passagens (ida e volta);
- c) Trecho: Rio de Janeiro – Fortaleza – Rio de Janeiro (ida e volta), 1 passagem (ida e volta) para Flávia Alves de Sousa (UERJ);
- d) Trecho: Campinas – Belém – Campinas (ida e volta), 1 passagem (ida e volta);
- e) Trecho: Campinas – Vitória – Campinas (ida e volta), 1 passagem (ida e volta);
- f) Trecho: Campinas – Porto Alegre – Campinas (ida e volta), 2 passagens (ida e volta);
- g) Trecho: Campinas – Curitiba – Campinas (ida e volta), 2 passagens (ida e volta);
- h) Trecho: Campinas – Chapecó – Campinas (ida e volta), 1 passagem (ida e volta);

Enfim, há passagens propostas para o coordenador da pesquisa acompanhar as atividades de extensão no Paraná, que ocorrerão em Curitiba e Ponta Grossa, em diferentes momentos: Trecho Campinas – Curitiba – Campinas (2 passagens ida e volta).

Diárias:

As diárias solicitadas serão fundamentais para garantir a hospedagem e alimentação da equipe nos três Seminários da equipe de pesquisa previstos – em Alfenas/MG, Goiânia/GO e Curitiba/PR. Os Seminários terão duração de dois dias.

Também serão fundamentais para garantir a hospedagem e a alimentação da equipe de entrevistas da UNIFAL-MG nas pesquisas de campo fora de Minas Gerais.

Serviços de terceiros

A equipe de pesquisa pretende organizar uma coletânea com os resultados principais da pesquisa, importante como forma de sistematização e divulgação dos resultados. O formato e-book, para disseminação gratuita, busca esta ampla divulgação. Os 100 exemplares serão distribuídos gratuitamente para as instituições parceiras. Os serviços de terceiros serão para a editoração e publicação do livro nos formatos e-book e impresso (100 exemplares).

13. Recursos da UNIFAL-MG e estimativa de Recursos Financeiros de outras fontes aportados ao projeto

A UNIFAL-MG disponibilizará uma série de recursos infraestruturais e técnicos, em seu campus sede, em Alfenas-MG, para a equipe de pesquisa: laboratório de Ciências Sociais, com computadores, scanner e projetor multimídia para uso da equipe de pesquisa; recursos de impressão; diárias para professores para eventos; verbas da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PRPPG) para tradução de artigos ao inglês; auditórios para o I Seminário da Equipe de Pesquisa e salas para reuniões; salas e equipamentos da PRPPG para conferências a distância, entre outros.

Além disso, existe a possibilidade, conforme haja continuidade dos atuais recursos financeiros e orçamentos disponibilizados pelo MEC e órgãos de fomento, de outros recursos financeiros a se aplicarem a esse projeto.

Primeiro, existe a possibilidade de 6 Bolsas de Iniciação Científica, durante o período da pesquisa, providas por Programas institucionais de Bolsas de IC (PIBIC-CNPq, FAPEMIG e da UNIFAL-MG). Também, de 3 bolsas de Extensão pelo Programa da UNIFAL-MG, durante o período de pesquisa.

Segundo, a possibilidade de estudantes do Mestrado em Educação com bolsa virem a se engajar nessa pesquisa. Essas bolsas serão de Programas Institucionais da CAPES e do próprio CNPq.

Terceiro, alguns recursos da PROAP para Programa de Pós-graduação em Educação poderão ser usados para diárias e para colaborar com as atividades de publicação dos Anais dos Seminários da Equipe de Pesquisa.

14. Atividades desenvolvidas pelo proponente

Em 2006, tive aprovada a minha primeira proposta de pesquisa para o Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa do CNPq - “Sociologia da Educação Sociocomunitária”. Desde então, apresentei e tive a aprovação de mais três pesquisas, duas delas dando continuidade à primeira, tratando das práticas educativas comunitárias, sociais ou não formais, ainda como docente do Programa de Mestrado em Educação do UNISAL (Centro Universitário Salesiano de São Paulo), onde trabalhei até setembro de 2013 e orientei 32 dissertações de mestrado.

A terceira pesquisa com Bolsa de Produtividade, desenvolvida entre março de 2013 e fevereiro de 2016, “Juventude e Educação Sociocomunitária”, já tinha me trazido novamente ao tema de minha formação no mestrado e doutorado, a juventude e os movimentos juvenis. Em 2018, lancei em forma de e-book uma coletânea de textos, inicialmente publicados em forma de artigos ou trabalhos em eventos, que sistematizou os resultados desta terceira pesquisa: *Juventude e Educação Sociocomunitária* (Alfenas: UNIFAL-MG, 2018).

Desde outubro de 2013, já era docente da UNIFAL-MG, onde formei em 2014 o Grupo de Estudos sobre a Juventude, que colaborou com a pesquisa “Juventude e Educação Sociocomunitária”, com investigações sobre projetos sociais e práticas socioeducativas com adolescentes e jovens em Alfenas.

Na UNIFAL-MG, entretanto, fiquei logo impressionado pela quantidade e qualidade das organizações juvenis e a força de suas pautas. Elas me inspiraram a propor a atual pesquisa amparada com bolsa produtividade pelo CNPq, “A dimensão educativa das organizações juvenis”, já descrita na Apresentação deste projeto – iniciada em março de 2016 e vigente até fevereiro de 2019. Também, a formar o já descrito GT para a pesquisa, que passou a envolver também estudantes do Mestrado em Educação da UNIFAL-MG, minhas orientandas e orientandos.

Ingressei no Programa de Mestrado em Educação no segundo semestre de 2015, passei a ter orientações a partir do primeiro semestre de 2016: hoje oriento 9 estudantes do mestrado, sendo que três delas farão a defesa em agosto e setembro de 2018. 4 fazem pesquisas sobre movimentos e ocupações estudantis, tendo colaborado com a construção deste projeto e, como mestres ou mestrandas/mestrandos, na consecução desta pesquisa – 2 deles com Bolsa pela CAPES e CNPq. Na UNIFAL-MG, dentro da pesquisa “A dimensão educativa das organizações juvenis”, orientei ou oriento 7 bolsistas de Iniciação Científica (pelo CNPq e FAPEMIG) e 3 estudantes que fizeram Iniciação Científica sem bolsa. Também, 2 bolsistas de Iniciação Científica Júnior (estudantes de Ensino Médio – pelo CNPq e FAPEMIG). Enfim, na UNIFAL-MG, desde 2013, tive 3 orientações de bolsistas de Extensão Universitária (bom bolsas concedidas pela própria universidade) e 10 orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso.

Desde 2016, quando se iniciou a pesquisa “A dimensão educativa das organizações juvenis”, publiquei 13 artigos, 4 livros, 7 capítulos de livros, 3 trabalhos completos em eventos, 2 resumos de trabalhos em eventos e 18 conferências ou palestras, em sua maioria ligados à pesquisa. Destaco o livro *Introdução à Sociologia da Juventude* (Jundiaí: Paco Editorial, 2017) e, principalmente, a coletânea *O movimento das ocupações estudantis no Brasil* (COSTA; GROPPPO, 2018), uma parceria que envolveu pesquisadoras e pesquisadores de 11 instituições: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; Universidade Estadual de Campinas; Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo; Universidade Tuiuti do Paraná; Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (CEDECA Ceará); Universidade Federal de São Carlos; Universidade Federal de São Paulo; Universidade Federal do Espírito Santo; Universidade Federal do ABC; e Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Também destaco o trabalho “Ação coletiva e formação política: os coletivos juvenis e a ocupação de uma universidade no Sul de Minas Gerais” (38a Reunião Nacional da ANPED, 2017) e os artigos a seguir:

- GROPPPO, L. A. et al. A universidade, os jovens e o poder público na construção do Plano Municipal de Juventude de Alfenas, Minas Gerais. **Revista de Educação Popular**, v.16, p.167-180, 2018.
- GROPPPO, L. A. et al. Ocupações no Sul de Minas: autogestão, formação política e diálogo intergeracional. **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas/SP, v.19, n.1 p. 141-164, 2017.
- GROPPPO, L. A. Juventude e política segundo as organizações juvenis: experiências de ensino e de formação política em uma universidade do interior de Minas Gerais. **Crítica Educativa**. v.2, p.36-51, 2016.

- GROPPPO, L. A. Sentidos de juventude na sociologia e nas políticas públicas do Brasil contemporâneo. **Revista de Políticas Públicas**. v.20, p.383 -402, 2016.
- GROPPPO, L. A. Utopias de junho. **Revista Espaço Acadêmico** (UEM). v.XVI, p.52 -60, 2016.
- GROPPPO, L. A. Juventudes universitárias: participação política e processos educativos em uma universidade do interior de Minas Gerais. **Educativa** (Goiânia. Online). v.19, p.838-859, 2016.

Cito 3 artigos submetidos a periódicos qualificados em Educação em 2018, que aguardam resposta da avaliação, que analisam organizações juvenis atuantes na universidade, uma delas ligada à religiosidade evangélica, outra à educação popular:

- GROPPPO, L. A.; BORGES, Livia F. Grupo evangélico na universidade: práticas formativas, identidade religiosa e relações políticas;
- GROPPPO, L. A.; OLIVEIRA, Ana Rosa; OLIVEIRA, Fabiana M. Cursinho popular por estudantes da universidade: práticas político-pedagógicas e formação docente.
- GROPPPO, L. A.; ROSSATO, Mayara; COSTA, Mayra. Extensão, pesquisa e engajamento: aprendizado de lutas e dores no Seminário Memorial das Ocupações estudantis. Aceito para publicação pela Revista **Conexão**.

Outra alegria e responsabilidade é mais recente. No início de 2018, foi eleito como reitor um colega do curso de Ciências Sociais e, mais importante, alguém que representava um projeto de universidade mais progressista. Para minha surpresa, fui escolhido para ser o Pró-reitor Adjunto de Pesquisa e Pós-graduação e Coordenador de Pesquisa na UNIFAL-MG, cargo que assumi em março de 2018.

Bibliografia

- ALMEIDA, Jane Barros; MARTINS, Marcos Francisco. As ocupações das escolas no Paraná: elementos para a retomada da grande política e dos novos projetos societários. In: COSTA, Adriana Alves Fernandes; GROppo, Luís Antonio (orgs.). **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro & João, 2018, p. 175-200.
- ALMEIDA, Rita de Cássia de Araújo. O discurso do analista e a invenção de uma escola em movimento. **Revista Mal-estar e subjetividade**. Fortaleza, v. X n. 3, p. 887-911, 2010.
- ALVARADO, Sara Victoria et al. Las tramas de la subjetividad política y los desafíos a la formación ciudadana en jóvenes. **Revista Argentina de Sociología**, ano. 6, n. 11, p. 19-43, 2008.
- ALVARADO, Sara Victoria; OSPINA-ALVARADO, Maria Camila; GARCÍA, Cláudia Maria. La subjetividad política y la socialización política, desde las márgenes de la psicología política. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Manizales, Colômbia, v. 10, n. 1, p. 235-256, 2012.
- ALVES, Alda Judith. A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 81, p. 53-60, 1992.
- ALVIM, Davis Moreira; RODRIGUES, Alexsandra. Coletivos, ocupações e protestos secundaristas: o fênix, o leão e a criança. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, n. especial, p. 75-95, jan. mar. 2017. Disponível em: <>. Acesso em 10 abr. 2017.
- ANDRADE, Cláudia Braga de; COUTINHO, Luciana Gageiro. “A escola é nossa”: uma escuta do movimento das ocupações. In: PEREIRA, Marcelo Ricardo (org.). **Os sintomas na educação de hoje: que fazemos com isso?** Belo Horizonte: Scriptorum, 2017, cap. 15, p. 151-161.
- ANDRADE, Cláudia Braga de; COUTINHO, Luciana Gageiro. “A escola é nossa”: uma escuta do movimento das ocupações. In: PEREIRA, Marcelo Ricardo (org.). **Os sintomas na educação de hoje: que fazemos com isso?** Belo Horizonte: Scriptorum, 2017, cap. 15, p. 151-161.
- ANTÔNIO, Severino. **Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento**. São Paulo: Paulus, 2009.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARIAS-CARDONA, Ana María; ALVARADO, Sara Victoria. Jóvenes y política: de la participación formal a la movilización informal. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Manizales, Colômbia, v. 13, n. 2, p. 581-594, 2015.
- ARROYO, Miguel. Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? **Currículo sem Fronteiras**. v. 3, n. 1, p. 28-49, jan. /jun. 2003.
- ASPIS, Renata Lima. Minorias e territórios: ocupações. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, n. esp., p. 63-74, 2017. Disponível em: <>. Acesso em 10 abr. 2017.
- BORGES, Scarlett Giovana. **A dialética das experiências escolares na emergência da prática de ocupar e resistir**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo/RS, 139f., 2018. Disponível em: <>. Acesso em 10 maio 2018.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos**. A experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.
- CAETANO, Pedro. A socialização política dos estudantes no plural. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 37, n. 137, p. 1045-1060, 2016.
- CAETANO, Pedro. Melhorar o mundo, a escola e a si próprio: os caminhos entrecruzados da experiência juvenil. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 413-33, 2018.
- CARNEIRO, Henrique F. Editorial: O ato de educar e de governar como leituras do mal-estar na cultura. **Revista Mal-estar e subjetividade**. Fortaleza, v. V, n. 1, p. 9-10, 2005.

- CARNEIRO, Sílvio. Ocupar, resistir e a luta nas redes sociais. **Comunicações**. Piracicaba/SP, v. 24, n. 2, p. 137-150, 2017. Acesso em 10 mar. 2018. Disponível em: <>. Acesso em 10 mar. 2018.
- CASTRO, Lúcia Rabello de (coord.). **“Falatório”**: participação e democracia na escola. Rio de Janeiro: Contracapa, 2010. Disponível em: <>. Acesso em: 10 jun. 2018.
- CASTRO, Lúcia Rabello de. Juventude e socialização política: atualizando o debate. **Psicologia: Teoria e Pesquisas**. v. 25, n. 4, 2009, p. 479-487.
- CASTRO, Lúcia Rabello de; MATTOS, Amans Rocha. O que é que a política tem a ver com a transformação de si? Considerações sobre a ação política a partir da juventude. **Análise Social**. v. XLIV, n. 193, p. 793-823, 2009.
- CATINI, Carolina de R.; MELLO, Gustavo Moura de C. Escolas de luta, educação política. **Educação & Sociedade**. Campinas/SP, v. 37, n. 137, p. 1177-1202, 2016. Disponível em: <>. Acesso em 20 jan. 2017.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016**. Publicada no DOU nº 98, terça-feira, 24 de maio de 2016 - seção 1, páginas 44, 45, 46. Disponível em , acesso em 28 maio 2018.
- CORSINO, Luciana Nascimento; ZAN, Dirce Djanira Pacheco e. A ocupação como processo de descolonização da escola: notas sobre uma pesquisa etnográfica. **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas/SP, v.19 n. 1, p. 26-48, 2017. Disponível em: <>. Acesso em 10 abr. 2017.
- CORTI, Ana Paula de Oliveira; CORROCHANO, Maria Carla; SILVA, José Alves da. “Ocupar e resistir”: a insurreição dos estudantes paulistas. **Educação & Sociedade**. Campinas/SP, v. 37, n. 137, p. 1159-1176. 2016. Disponível em: <>. Acesso em 10 abr. 2017.
- COSTA, Adriana Alves; GOMES, Juaciara Barrozo; OLIVEIRA, Luiza Alves de. Discursos e memórias da ocupação estudantil na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. In: COSTA, Adriana Alves Fernandes; GROppo, Luís Antonio (orgs.). **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro & João, 2018a, p. 263-292.
- COSTA, Luciano B.; SANTOS, Manuella Mattos dos. Espaços virtuais dos movimentos das escolas ocupadas de Porto Alegre: o apoio mútuo como base da inteligência coletiva. **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas/SP, v. 19, n. 1, p. 49-73, 2017. Disponível em: <>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- COUTINHO, Luciana Gageiro; ANDRADE, Claudia Braga de. O que as ocupações nos ensinam sobre a adolescência, o laço social e a educação? **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas/SP, v.19 n. esp., p. 48-63, 2017. Disponível em: <>. Acesso em 10 abr. 2017.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 40-52, 2003.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, out. / dez/2007, p. 1105-1128.
- FERREIRA, Carolina Arruda. Formação a contrapelo: as ocupações estudantis e o exercício da autonomia. REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, 38, 2017, São Luís, MA. **Anais...** Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, São Luís, MA, 2017. Disponível em: <>. Acesso em 15 maio 2018.
- FERREIRA, Sofia Rodrigues. Jovens secundaristas e o exercício democrático nas ocupações escolares em 2016 em Porto Alegre. REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, 38, 2017, São Luís, MA. **Anais...** Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, São Luís, MA, 2017a. Disponível em: <>. Acesso em 15 maio 2018.
- FERREIRA, Sofia Rodrigues. **Jovens secundaristas, educação, cultura e política**: O fenômeno das Ocupações de 2016 em Porto Alegre/RS. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 195f., 2017. Disponível em: <>. Acesso em 10 mar. 2018.

- FLACH, Simone Fátima; SCHLESENER, Anita Helena. Análise de conjuntura sobre a ocupação de escolas no Paraná a partir do pensamento de Antonio Gramsci. **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas/SP, v. 19, n. 1, p. 165-186, 2017. Disponível em: <>. Acesso em 15 maio 2018.
- FONSECA, Cláudia. Quando cada caso não é um caso. Pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. n. 10, p. 58-78, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008, cap. 1, p. 3-21.
- GOHN, Maria da Glória. **Os sem-terra, ONGs e cidadania**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais – paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.
- GOMES, Álvaro Díaz. Subjetividad política y psicologías sociales críticas em Latinoamérica: ideas a dos voces [Entrevista com el psicólogo cubano Dr. Fernando González Rey]. **Universitas Psychologica**, v. 11, n. 1, p. 325-338, 2012.
- GOULART, Débora Cristina; PINTO, José Marcelino Rezende; CAMARGO, Rubens Barbosa. Duas reorganizações (1995 e 2015): do esvaziamento da Rede Estadual Paulista à ocupação das escolas. **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas/SP, v.19 n. esp., p. 109-133, 2017. Disponível em: <>. Acesso em 10 abr. 2017.
- GROPPO, Luís Antonio. O novo ciclo de ações coletivas juvenis no Brasil. In: COSTA, Adriana Alves Fernandes; GROppo, Luís Antonio (orgs.). **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro & João, 2018a, p. 85-117.
- GROPPO, Luís Antonio. Ocupação de uma universidade no sul de Minas Gerais. n: COSTA, Adriana Alves Fernandes; GROppo, Luís Antonio (orgs.). **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro & João, 2018b, p. 293-328.
- GROPPO, Luís Antonio et. al. Ocupações no Sul de Minas: autogestão, formação política e diálogo intergeracional. **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas/SP, v.19, n.1 p. 141-164, 2017. Disponível em: <>. Acesso em 10 abr. 2017.
- GROPPO, Luís Antonio. Pesquisar e fazer-se-pesquisador: reflexões sobre uma trajetória de pesquisas sobre juventude. In: DAMASCENO, Maria Nobre; SALES, Celecina De Maria Veras; ALMEIDA, Nadja Rinelle Oliveira de. (orgs.). **Pesquisa qualitativa: formação e experiências**. Curitiba: CRV, 2016, p. 53-74.
- GROPPO, Luís Antonio. **A dimensão educativa das organizações juvenis**. Estudo dos processos educativos não formais e da formação política no interior de organizações juvenis de uma universidade pública do interior de Minas Gerais. Projeto de pesquisa apresentado para o Programa Bolsa Produtividade (PQ) em Pesquisa do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), 2015.
- GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**, Ano 13, n. 5, 2004.
- GROPPO, Luís Antonio. **Juventude: ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas e contemporâneas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- GROPPO, Luís Antonio; ANTÔNIO, Severino. A Participação do Educador na Pesquisa em Educação Sociocomunitária: Observação Participante e Pesquisa Participante. In: BISSOTO, Maria Luísa; MIRANDA, Antonio Carlos. (orgs.). **Metodologia em Educação Sociocomunitária**. Jundiaí, Paco Editorial: 2016, p. 15-44.
- HARDT, Michal; NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do império**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- JASPER, James J. **Protesto: uma introdução aos movimentos sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

- LARCHERT, Jeanes Martins. Cala boca, menino! O menino não cala, resiste. **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas/SP, v.19 n. esp., p. 1-22, 2017. Disponível em: <>. Acesso em 10 abr. 2018.
- LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. **A construção do saber**. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- LEITE, Miriam Soares. No “colégio dos alunos, por alunos, para alunos”: feminismo e desconstrução em narrativas das ocupações. **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas/SP, v.19 n. esp., p. 23-47, 2017. Disponível em: <>. Acesso em 10 abr. 2017.
- LEITE, Miriam; ARAÚJO, Nayara Cristina. No tempo livre das escolas ocupadas: subversões do presenteísmo pelo ativismo jovem. **Em Aberto**. Brasília/DF, v. 31, n. 101, p. 93-105, 2018. Disponível em: <>. Acesso em: 10 maio 2018.
- LIBERATO, Leo Vinicius Maia. **Expressões contemporâneas da rebeldia: poder e fazer da juventude autônoma**. Tese (doutorado em Sociologia Política), Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálisis**, Florianópolis, p. 37-45, 2007.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MARTINS, Marcos Francisco et al. Entrevista: As ocupações das escolas estaduais da região de Sorocaba/SP: falam os estudantes secundaristas. **Crítica Educativa**. Sorocaba/SP, v. 2, n. 1, p. 227-260, 2016. Disponível em: <>. Acesso em 20 ago. 2016.
- MEDEIROS, Lucineide Barros; ZITKOSKI, Jaime José; STREK, Danilo R. Movimientos sociales/ Movimiento Popular. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Diccionario Paulo Freire**. Lima: CEAAL, 2015 p. 346-348.
- MELUCCI, Alberto. **Challenging Codes: Collective Action in the Information Age**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- MERLOTTI, Flávia Xavier; OLIVEIRA, Paniz Glauca S. D. Dossiê Entre greves, ocupações e golpes: o Brasil de 2016. **Temáticas**. Revista dos pós-graduandos em Ciências Sociais, Unicamp, Campinas, v. 24, n. 47, 2016. Disponível em <>. Acesso em: 10 jun. 2018.
- MESQUITA, Marcos Ribeiro. Movimento estudantil brasileiro: práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. n. 66, 2003, p. 117-149.
- MILLS, C. Wright. Do artesanato intelectual. In: _____. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965, Apêndice, p. 211-243.
- MORAES, Carmen Sylvia V.; XIMENES, Salomão Barros. Apresentação. Dossiê Políticas Educacionais e a Resistência Estudantil. **Educação & Sociedade**. Campinas/SP, v. 37, n. 137, p. 1079-1087, 2016. Disponível em <>. Acesso em 20 jan. 2017.
- NEGT, Oskar e KLUGE, Alexander. **O que há de político na política?** Relações de medida em política. 15 propostas sobre a capacidade de discernimento. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.
- OLIVEIRA, Luiza Alves de; COSTA, Adriana Alves Ferreira; GOMES, Juaciara Barrozo. Lutas em (dis)curso: leitura, escrita e experiência na ocupação estudantil universitária. REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, 38, 2017, São Luís, MA. **Anais...** Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, São Luís, MA, 2017. Disponível em: <>. Acesso em 15 maio 2018.
- O MAL-EDUCADO. **Como ocupar um colégio?** Manual escrito por estudantes secundaristas da Argentina e Chile. 2015. Disponível em , acesso em 24/fev./2017.

- PAES, Bruno Teixeira; PIPANO, Isaac. Escolas de luta: cenas da política e educação. **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas/SP, v.19, n.1, p. 3-25, 2017. Disponível em: <>. Acesso em 10 abr. 2017.
- PAIS, José Machado. A esperança em gerações de futuro sombrio. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 75, 2012, p. 267-280.
- PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**. maio/ago. de 1997, n. 5-6, p. 15-24.
- PIOLLI, Evaldo; PEREIRA, Luciano; MESKO, Andressa de Sousa Rodrigues. A proposta de reorganização escolar do governo paulista e o movimento estudantil secundarista. **Crítica Educativa**. Sorocaba/SP, v. 2, n. 1, p. 21-35, 2016. Disponível em: <>. Acesso em: 23 set. 2016.
- PISETTA, Maria Angélica Augusto de Mello. Angústia e subjetividade. **Revista Mal-estar e subjetividade**. Fortaleza, v. VIII, n. 1, p. 73-88, 2008.
- RABIN, Marcela Lorenzoni da Rocha; BACICH, Lilian. O protagonismo juvenil na era digital. **RJPP**, Brasília/DF, núm. esp., p. 40-53, 2018. Disponível em: <>. Acesso em: 10 maio 2018.
- RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento: política e filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- RATTO, Cleber Gibbon; GRESPAN, Carla Lisbôa; HADLER, Oriana Holsbach. “Ocupa 1º de Maio”: ciberdemocracia, cuidado de si e sociabilidade na escola. **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas/SP, v.19, n.1, p. 99-118, 2017. Disponível em: <>. Acesso em 10 abr. 2017.
- REIS, Valdeci. #Ocupar e resistir: estudantes catarinenses em defesa da escola pública. **Argumentos Pró-Educação**, Pouso Alegre/MG, v. 2, n. 5, p. 235-258, 2017. Disponível em: <>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- RIBEIRO, Ana Júlia. Entrevista com Ana Júlia Ribeiro. In: COSTA, Adriana Alves Fernandes; GROppo, Luís Antonio (orgs.). **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro & João, 2018, p. 23-42.
- RODRIGUES, Juliana Pedreschi; RIBEIRO, Tatiani. Sobre educação formal, não formal e participação da comunidade escolar durante o período das ocupações das escolas estaduais paulistas em 2015. **Revista de Ciências da Educação**. Americana/SP, ano XIX, n. 38, p. 33-153, 2017. Disponível em: <>. Acesso em 10 mar. 2018.
- ROJAS, Angelina Accetta; MOCARZEL, Marcelo Maia Vinagre; RANGEL, Mary. “#OCUPAIEPIC”: representações culturais da juventude na ocupação de uma escola estadual em Niterói-RJ. **Revista Educação Online**. Rio de Janeiro, n. 25, p. 19-39, 2017. Disponível em: <>. Acesso em: 10 maio 2018.
- SCHLESNER, Anita Helena; FLACH, Simone de Fátima. A ocupação de escolas no estado do Paraná: determinações e fundamentos para a formação política. In: COSTA, Adriana Alves Fernandes; GROppo, Luís Antonio (orgs.). **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro & João, 2018, p. 201-224.
- SEVERO, Ricardo Gonçalves; SEGUNDO, Maria Auguto Correia San. #Ocupatadores – socialização política entre jovens estudantes nas ocupações de escolas no Rio Grande do Sul. **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas/SP, v.19, n.1, p. 73-98, 2017. Disponível em: <>. Acesso em 10 abr. 2017.
- SILVA, Andréia Villela M. da; MELO, Keite S. de. #Ocupalserj: estratégias comunicacionais do movimento de ocupação do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro. **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas/SP, v.19, n.1, p. 119-140, 2017. Disponível em: <>. Acesso em 10 abr. 2017.
- SILVA, Bárbara Virgínia Goff da; SILVA, Eduardo Cristiano Hass da. “Uma pá de ocupação”: Ocupações escolares e atuação juvenil no Rio Grande do Sul (2016). **Revista Teias**, Rio de Janeiro/RJ, v. 18, n. 50, 2017. Disponível em: <>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- SILVA, Conceição Firmina S.; CASTRO, Lúcia Rabello de. Para além das fronteiras convencionais do ativismo político: a inserção de jovens em “coletivos fluidos”. In: BEZERRA, Helena D.; OLIVEIRA, Sandra Maria de. **Juventude no século XXI: dilemas e perspectivas**. Goiânia: Cânone Editorial, 2013, p. 14-44.

- SOUZA, Janice Tirelli P. de. Os jovens contemporâneos e a política contra o instituído. In: GROPPPO, L. A., ZAIDAN JR., M. e MACHADO, O. L. (orgs.). **Movimentos juvenis na contemporaneidade**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008, p. 117-156.
- SPOSITO, Marília Pontes. Ação coletiva, jovens e engajamento militante. In: CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar (orgs.). **Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais**. Niterói: Editora da UFF, cap. 5, p. 97-130, 2014.
- STOCCO, Aline Fae; GODOI, Livia de Cássia. Ocupações secundaristas no Espírito Santo. In: COSTA, Adriana Alves Fernandes; GROPPPO, Luís Antonio (orgs.). **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro & João, 2018, p. 225-262.
- STREK, Danilo R. Uma pedagogia do movimento: Os movimentos sociais na obra de Paulo Freire. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 18, n. 36, p. 165-177, 2009.
- SZYMANSKI, Heloisa (org.). **A entrevista na pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro, 2004.
- VIOLA, Daniela Teixeira Dutra. VORCARO, Ângela Maria Resende. A formulação do objeto a a partir da teorização lacaniana acerca da angústia. **Revista Mal-estar e subjetividade**. Fortaleza, v. IX, n. 3, p. 867-903, 2009.
- WEIHMULLER, Valentin Carranza; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz. Movimento social, política e educação: o #Ocupatudo no Estado do Rio de Janeiro. *REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd*, 38, 2017, São Luís, MA. **Anais...** Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, São Luís, MA, 2017. Disponível em: <>. Acesso em 15 maio 2018.
- XAVIER, Alessandra; NUNES, Ana Ignêz Belém Lima; SANTOS, Michelle Steiner dos. Subjetividade e sofrimento psíquico na formação do Sujeito na Universidade. **Revista Mal-estar e subjetividade**. Fortaleza, v. VIII, n. 2, p. 427-451, 2005.
- XIMENES, Salomão et al. “Ao vivo é muito pior”: direitos, resistência e repressão aos estudantes nas ocupações de escolas do Ceará. In: COSTA, Adriana Alves Fernanda; GROPPPO, Luís Antonio. **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos; Pedro & João, 2018, p. 145-174.